

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Marina Claudia Nunes da Costa

EM QUE CORPO CABE O FEMININO?
Um estudo sobre a simbolização da feminilidade transexual

São Paulo

2010

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Marina Claudia Nunes da Costa

EM QUE CORPO CABE O FEMININO?
Um estudo sobre a simbolização da feminilidade transexual

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a Graduação em Psicologia, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, sob orientação do Prof. Dr. Plínio Almeida Maciel Junior

São Paulo

2010

Agradecimentos

Minha família: por todo o apoio e pela grande paciência inclusive nestes anos de faculdade, e por sempre acreditar em mim.

Amigos: pelo companheirismo nesta trajetória de TCC, de faculdade e de vida.

Prof. Plínio: pela orientação e interesse pelo meu trabalho, e também pela sugestão do filme que analisei.

Prof^a. Noely: pela disponibilidade para conferir minha análise final antes da entrega e da apresentação na Jornada da Clínica.

Prof^a. Flavia Hime: no começo, na crise da definição do tema, teve papel fundamental ao acolher e apoiar minhas idéias.

Brunna Maryah: além de emprestar um batom, plantou em mim a semente da inspiração para este trabalho.

Marina Claudia Nunes da Costa: **Em que corpo cabe o feminino? Um estudo sobre a simbolização da feminilidade transexual**, 2010. Orientador: Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior

Resumo

A questão da transexualidade é um tema ainda nebuloso no meio científico, com definições divergentes e carentes de maior aprofundamento. A sociedade de maneira geral não está organizada e adaptada para abarcar essa possibilidade humana que difere do modelo convencional heterossexual, para o qual existe uma rede de significações e expectativas que antecede o próprio nascimento da criança. Considerando as implicações desta condição para a pessoa que vive a transexualidade, em relação ao escasso conhecimento acerca do tema por parte da comunidade em que está inserida, observa-se a necessidade de pesquisas científicas em diversas áreas de conhecimento, que busquem expandir e aprofundar a compreensão da questão e melhorar as condições de vida dessas pessoas. O objetivo deste trabalho é identificar elementos simbólicos significativos relacionados à feminilidade e à vivência transexual, bem como buscar compreendê-los por meio da fundamentação teórica e ampliação do significado simbólico contido. Para isso, serão estabelecidas relações entre elementos disponíveis no filme “Transamérica” e na literatura. O embasamento teórico ficará a cargo da Psicologia Analítica que permitirá o aprofundamento no significado destes símbolos apreendidos por meio do filme e dos textos utilizados. Essa linha teórica abrange a questão dos símbolos e sua função psíquica, bem como a idéia de ânima / animus e de persona / sombra, que serão essenciais para a compreensão dos conteúdos trazidos para o trabalho. O trabalho baseia-se, portanto, em uma análise teórica de material selecionado do filme “Transamérica”, visando apreender certos elementos da história da personagem do filme que vivencia os dilemas de uma transexual – especialmente os símbolos relacionados à feminilidade. Será feito um trabalho descritivo-qualitativo sobre o material selecionado, em termos de análise dos símbolos encontrados e seus respectivos significados, no contexto em que existem. A relevância do trabalho baseia-se na busca por gerar dados que possam contribuir para a intervenção em promoção de saúde, terapia ou prevenção não só contribuindo para a instrumentação de psicólogos, mas também de outros profissionais necessários à abordagem multidisciplinar da transexualidade, bem como dar voz às pessoas que são excluídas e inferiorizadas em relações de gênero desiguais, compreendendo um pouco mais sua perspectiva.

Palavras-Chave: transexualidade, gênero, símbolos, feminino.

Sumário

1. Introdução.....	1
2. Transexualidade.....	10
3. Considerações Teóricas.....	25
3.1. <i>Persona e Sombra</i>	25
3.2. <i>Anima e Animus</i>	30
3.3. <i>Símbolo</i>	36
4. Método.....	40
5. Transamérica	42
5.1. Bree, a protagonista.....	46
6. Discussão.....	50
Bibliografia	69

1. Introdução

Vivemos em uma cultura que nos ensina a entender e reproduzir um modelo de sexualidade bimodal e heteronormativo¹. Este modelo funciona como uma condição para a inclusão e reconhecimento social. Qualquer característica ou comportamento que fuja desta perspectiva é passível de sofrer sanções por parte da sociedade.

Alguns indivíduos enfrentam uma questão bastante incompreendida e delicada: sofrem porque seus corpos são vistos por eles próprios como defeituosos, já que têm caracteres sexuais incompatíveis em relação ao gênero com o qual se identificam. Mas, afinal, o que é masculino e o que é feminino? Diversos fatores se misturam à polêmica em torno do fenômeno, e, enquanto isso, transexuais lutam pelo reconhecimento social da condição que enfrentam.

Os conceitos de sexualidade e gênero são primordiais para esta discussão, já que os conflitos pelo quais passam os transexuais são justamente uma expressão da desarmonia percebida entre corpo, desejo e expressão da sexualidade. “Sexo” e “gênero” são termos freqüentemente confundidos e há diversas maneiras de diferenciá-los. Uma delas é aquela que entende que sexo se refere às

¹ A heteronormatividade diz respeito à ideologia que promove uma perspectiva convencional das relações de gênero e da heterossexualidade, e uma visão tradicionalista da família, como o modo correto de as pessoas viverem. (C. Ingraham. *The heterosexual imaginary: feminist sociology and theories of gender*. In: S. Seidman (ed.). **Queer Theory / Sociology**. Cambridge, MA: Blackwell, p. 168-193, 1996) [apud Maciel Jr, 2006].

características sexuais, às limitações e capacidades que as mesmas implicam; é, portanto, uma categoria biológica, base sobre a qual se constroem os significados culturais sobre o corpo. Gênero, por outro lado, se refere às características sociais, psíquicas e históricas das pessoas que vivem nas sociedades em que os padrões de identidade, modelos, posições e estereótipos do que é ou deve ser o indivíduo, respondem a uma bimodalidade em função do sexo ao qual ele/a pertence. (IZQUIERDO, 1990). Portanto, enquanto sexo diz respeito a macho e fêmea, gênero é o sexo atualizado socialmente, referindo-se à masculinidade e à feminilidade. Esta é a definição mais comum, porém não é a única. Há estudos recentes que trazem outras maneiras de pensar estes conceitos, e isto será abordado no decorrer dos capítulos.

Este trabalho terá como foco a questão da transexualidade feminina, ou seja, pessoas que nasceram com caracteres genitais masculinos, mas buscam adequação ao sexo feminino.

A definição do que é a transexualidade tem diferenças conceituais entre os pontos de vista explicitados na literatura médica, psicológica, psicanalítica, antropológica, sociológica, legal e mesmo no senso comum. Em geral, há em consenso a questão da não-conformidade entre o sexo e o gênero, mas existe também uma confusão envolvendo o conceito de homossexualidade, de forma geral, e os outros casos de transgêneros.

Alguns estudos nos mostram que o processo de construção da identidade da mulher transexual se dá por meio da assimilação de signos sociais atribuídos à identidade de gênero feminina. Zambrano (2006) afirma que as relações amorosas com homens são

interpretadas por elas como vínculo heterossexual, assim como a maternagem é um símbolo de feminilidade. Estes elementos caracterizam não somente o modelo feminino, mas especificamente o heterossexual, que é, portanto, a base da construção da identidade de gênero transexual também.

Para Freitas (1998), que é uma mulher transexual, uma “mulher normal” é aquela que tem seu corpo em harmonia com seu sexo neural. Baseada em pesquisas que fez durante algum tempo, ela enfatiza a tese de que o “sexo real” é constituído no cérebro, é o que determina as emoções, comportamentos e sentimentos. Quando acontece de, no aspecto sexual, o cérebro se estruturar de maneira diferente do corpo, o indivíduo se constituirá segundo o gênero cerebral e não estará de acordo com seu sexo aparente, mesmo sendo neural a origem da anomalia. O “eu” cerebral seria sentido como independente do corpo, enquanto este último é sentido como defeituoso.

A questão principal da vivência transexual concerne à inadequação ou desarmonia sentida em relação ao corpo e o discurso que em geral exige reconhecimento da identidade sexual que faz sentido para suas vidas. Este processo acontece porque há na sociedade expectativas já constituídas sobre o comportamento esperado para os corpos sexuados.

Segundo Bento (2006), antes de nascer o corpo é enquadrado em determinado campo discursivo e automaticamente já se espera dele certos tipos de comportamentos, gostos e qualidades subjetivas. Estas expectativas são baseadas no modelo heteronormativo sob o qual funcionam as convenções sociais. É o padrão construído,

naturalizado e reiterado historicamente nas práticas humanas e culturais. Daí pode-se compreender que a heterossexualidade não é natural no corpo humano, e sim o fruto da repetição dos códigos sociais tidos como naturais acerca do que se espera de um homem e de uma mulher.

Em consequência disso, observa-se que os estereótipos compartilhados acerca do que um indivíduo precisa ser para que os outros o/a considerem homem ou mulher são transferidos automaticamente para os/as transexuais (BENTO, 2003). Se o modelo de mulher inclui a heterossexualidade, entender-se-á que uma mulher transexual buscará necessariamente relações amorosas com homens e vice-versa, mesmo havendo casos que diferem deste padrão na sociedade.

A busca pelas cirurgias de transgenitalização² é em geral motivada não pela sexualidade, mas pela garantia de intelegibilidade social, de uma correspondência direta entre o corpo e o gênero que proporcionaria uma imagem mais humana e aceitável socialmente. (BENTO, 2003, 2006, 2008)

A transexualidade ainda é um campo a ser vastamente explorado cientificamente, além de ser pouco compreendido e assimilado pela sociedade em geral, havendo confusão na definição e diferenciação de pessoas transexuais com outras associadas à categoria transgêneros (como travestis e *crossdressers*), bem como na relação com a questão da orientação sexual.

² Cirurgia de transgenitalização, também conhecida como cirurgia de reatribuição sexual, é o procedimento utilizado para adequação do sexo genital ao gênero com o qual o indivíduo se sente identificado.

Para que a realidade desta minoria que convive com a incoerência entre corpo e gênero seja entendida e incorporada na rede de significações social e historicamente construída, é necessário que haja a desmistificação e esclarecimento acerca do que é, finalmente, a transexualidade. Quem é considerado transexual, e segundo qual ciência e abordagem teórica? Que espaço essa população tem no âmbito social, econômico e cultural? E de que direitos usufruem legalmente enquanto cidadãos, se é que a legislação suporta tais especificidades de demanda?

Com relação a isto, sabemos na verdade que o poder judiciário não assimilou em seu sistema as especificidades da transexualidade, o que reitera o predomínio da ideologia heteronormativa. É por esta razão que inúmeras pessoas não conseguem modificar seus documentos para adequá-los à sua identidade real, mesmo depois de uma cirurgia de transgenitalização. Esta inadequação burocrática se estende a outros casos, inclusive aos das uniões homoafetivas, que usualmente não conseguem reconhecimento legal.

A ausência de avanço e adequação à questão não é exclusividade do campo jurídico. A própria variação na concepção do tema entre as diferentes abordagens e perspectivas teóricas denuncia a escassa apropriação da questão de forma geral. Não se pretende, aqui, abarcar o fenômeno todo, apenas desenvolver algumas reflexões e procurar aprofundar certos aspectos do mesmo.

Como a base deste trabalho é a psicologia, escolhi a abordagem da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung porque considero ser a mais apropriada ao objetivo de compreender alguns

símbolos e vivências do feminino que aqui estão representados na história da personagem principal, Bree, do filme *Transamérica* (2005).

Para Jung (2008), cada indivíduo humano é composto de características universais, coletivas, e ao mesmo tempo de elementos de singularidade que paradoxalmente o opõem à coletividade. Os fatores universais se apresentam de maneira individual, e a combinação dos diferentes elementos, com todas as suas variações possíveis, compõem o conjunto que torna cada pessoa singular e única.

Faz parte da experiência vivencial de cada um a constante relação compensatória entre processos conscientes e inconscientes. São duas dimensões que funcionam numa dinâmica complementar. A totalidade, que é o *Si-mesmo*, compõe essas duas dimensões, é uma das nossas possibilidades de ser, como uma *personalidade* que também somos. A imagem do *Si-mesmo* não é abarcada pela capacidade consciente de que dispomos, já que, por mais que haja um contexto de ampliação da consciência, sempre haverá uma quantidade imensurável de material inconsciente que compõe o *Si-mesmo* e nos ultrapassa. (JUNG, *op. cit.*)

Dentro dos limites do que é mais acessível à consciência, está a *persona*: aquilo que somos para o mundo, o papel que desempenhamos socialmente, a máscara através da qual somos reconhecidos. É o conjunto de elementos que causa impressões e gera expectativas em relação ao indivíduo, por parte da sociedade. Está, assim, ligada à adaptação deste ao meio; é precisamente uma instância psíquica que propicia a relação do indivíduo com o meio externo. (JUNG, *op. cit.*)

É, portanto, um conceito importante de entender, no caso das mulheres transexuais que enfrentam a questão de afirmarem ser do gênero feminino, que não condiz com as expectativas externas relacionadas ao sexo genital que possuem. Seria de grande relevância explorar em outros trabalhos como a *persona* se constitui e transforma ao longo da vida de mulheres transexuais, que alterações importantes ocorrem e em que momentos da vida: como a *persona* é percebida pelas transexuais, como desejam que seja percebida, e que impactos há em termos da contradição existente entre desejo e realidade no que concerne a esta percepção?

Como já dito, a *persona* é um dos aspectos de mais fácil acesso à consciência. Os aspectos inconscientes podem emergir involuntariamente, assim como também podem ser buscados através de um trabalho de expansão da consciência.

Neste sentido, cabe apresentar o que Jung (2008) propõe sobre o *processo de individuação*. Segundo ele, é o processo por meio do qual nos tornamos seres únicos, reconhecemos nossa singularidade mais íntima, assimilamos aspectos do inconsciente na direção de tornar-mo-nos quem realmente somos. É quando nos tornamos o nosso próprio *Si-mesmo*; é o processo pelo qual se realizam da melhor e mais completa maneira as qualidades universais do ser humano, sendo consideradas também as peculiaridades individuais da forma mais adequada, sem exacerbá-las nem tampouco esquecê-las.

Durante o período vital, crescemos enquanto seres humanos singulares e coletivos, concomitantemente. Nossa existência caminha em direção à individuação, embora ela nunca aconteça

completamente, porque, como já dito, há conteúdos inconscientes que sempre estarão fora de alcance, pois ultrapassam a consciência. A simbolização é um mecanismo psíquico que funciona como meio de captação de elementos do inconsciente para a elaboração na consciência. Assim como os sonhos, os símbolos trazem conteúdos condensados e cheios de significado que passarão a compor a consciência através da assimilação feita por esta.

Quanto aos processos psíquicos de simbolização que compõem o universo feminino, são inconscientes e, portanto, não se pode dizer muito a respeito da maneira pela qual se formam e em que exatamente consistem. A forma de que se dispõe para trabalhar tais elementos é a observação e análise das manifestações: sonhos, sintomas, opiniões, afetos, ações e fantasias; tal como ocorre com quaisquer fatores inconscientes. O que se apreende são hipóteses momentâneas acerca do processo e seu desenvolvimento, não existe a intenção de definir a natureza deste.

O objetivo deste trabalho é a identificação e compreensão de alguns dos símbolos psíquicos da feminilidade transexual. Aqui serão trabalhados elementos retirados de trechos do filme “Transamérica”, considerados significativos no que concerne às questões mais delicadas e cruciais acerca da vivência da transexualidade. A história trazida pelo filme possibilita esta análise, uma vez que conta a história de uma mulher transexual no momento de sua vida em que deseja fazer a cirurgia de transgenitalização, e enquanto isso não acontece, vários fatores exercem influência sobre sua realidade, aparecendo aí dramas cotidianos que são parte da vida real destas mulheres que não são reconhecidas socialmente como sentem ser.

A análise do material do filme se baseia em situações e falas da personagem principal, bem como sua relação com outras figuras significativas, buscando mostrar elementos simbólicos do feminino na transexualidade por meio deste caso. A análise abará a compreensão dos afetos, opiniões e idéias aí contidos, de forma a contextualizá-los e relacioná-los teoricamente à perspectiva da psicologia analítica.

A relevância deste trabalho vem da importância de se obter novas informações acerca da transexualidade, justamente para que sejam incorporadas cientificamente ao saber psicológico nesta temática, visando uma contribuição teórica útil e funcional obtida a partir do levantamento bibliográfico, das pesquisas feitas, das questões levantadas e das conclusões obtidas.

É importante que as diferentes áreas de saber científico se aprimorem e desenvolvam de forma a comportar as especificidades deste campo. No que concerne à psicologia, e mais precisamente, ao que esse trabalho terá condições de abarcar, a pretensão é de levantar questões cabíveis e importantes, explicações sobre aspectos psíquicos da transexualidade, que auxiliem na real compreensão do fenômeno.

2. Transexualidade

*Sabe que o menino que passar debaixo do arco-íris vira moça, vira
A menina que cruzar de volta o arco-íris rapidinho volta a ser rapaz
A menina que passou no arco era
O menino que passou no arco
E vai virar menina
Imagina
Imagina
Imagina*

(Imagina - Tom Jobim - Chico Buarque/1983)

Em que corpo cabe o feminino?

Existem casos em que a definição pessoal do gênero se formula como algo radicalmente independente do sexo genital: a pessoa sente seu corpo como defeituoso, em desacordo com o gênero que sente ter. São os conhecidos casos de transexualidade, que trazem em si a necessidade de reflexão sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, o que exatamente define e limita sexos e gêneros.

Não existe uma estimativa confiável sobre quantos transexuais existem hoje no Brasil e no mundo. Isso se deve à influência das práticas clandestinas de mudança de sexo e da tendência da imensa maioria para encobrir este fato, depois de se adequar socialmente à própria identidade. Segundo o DSM IV, os dados de países menores da Europa, com acesso a estatísticas da população total e encaminhamentos, sugerem que aproximadamente 1 em 30.000 homens adultos e 1 em 100.000 mulheres adultas buscam cirurgia de re-atribuição sexual.

Na medicina, a transexualidade é tratada como transtorno da identidade de gênero, isto é, como patologia relacionada ao sentimento de não pertencimento ao sexo anatômico. Segundo o DSM IV, há dois critérios diagnósticos básicos: um é a forte identificação com o gênero oposto, de forma persistente. O indivíduo mostra desejo de ser ou insiste que é do sexo oposto. O outro é o desconforto com o próprio sexo, relacionado à inadequação no papel de gênero correspondente a este sexo. Além disso, para que seja diagnosticado, não pode haver uma condição intersexual³ concomitante, e o indivíduo deve apresentar sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou em outras áreas importantes de sua vida. Apesar de partir do ponto de vista do binômio heterossexual, na descrição do transtorno considera-se o fato de a orientação sexual não seguir, necessariamente, o modelo heterossexual.

³ Intersexualismo é uma anomalia que se inclui entre os distúrbios da determinação e diferenciação do sexo (DDDS), relacionados à ambigüidade genital. A genitália é indefinida, possui caracteres de ambos os sexos, e por vezes é definida através de cirurgia (genitoplastia) que eliminará os caracteres indesejados e acentuará aqueles condizentes com o sexo de criação.

Segundo De Barbieri (1991),

“... os sistemas de gênero / sexo são os conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais que as sociedades elaboram a partir das diferenças sexuais anátomo-fisiológicas que dão sentido à satisfação dos impulsos sexuais, à reprodução da espécie humana e em geral ao relacionamento entre as pessoas.” (p.30)

A transexualidade é atualmente abarcada pelo termo transgênero, que engloba comportamentos, pessoas e grupos de indivíduos cuja relação entre sexo e gênero não possui uma conformidade direta.

O termo em inglês, *transgendering*, nomeia o processo e não categoriza a pessoa. Refere-se à passagem de uma categoria de gênero para outra, à transcendência, viver entre gêneros, seja por tempo limitado ou permanente. Além disso, a orientação sexual pode variar. Daí a razão de o termo atingir diversos tipos classificatórios: transexuais, travestis, andróginos, terceiro sexo, *drags* e todas as pessoas a quem os estereótipos de gênero e sexo não são aplicáveis diretamente (EKINS & KING, 2005).

A categoria transgênero reflete, antes de tudo, uma necessidade de agrupar indivíduos com certas características em comum – no caso a não-correspondência entre sexo e gênero. Esta necessidade é passível de contextualização social e cultural, mas não abarca todo o fenômeno, já que este teve e tem diferentes sentidos em outras culturas. Segundo Cardoso (2005), as categorias de pensamento são construídas socialmente e por isso devem ser contextualizadas no tempo e espaço em que foram concebidas, para que então seja possível compreender a função social que têm em

seus contextos. Desta forma, as categorias que estão sob o título “transgênero” são percepções modernas de fenômenos que são típicos da diversidade humana e comuns, portanto, em outras culturas.

Bento (2008) afirma que o fenômeno de trânsito entre os sexos já foi encarado de formas diversas, conforme registros históricos. Como exemplo, há o isomorfismo: concepção difundida na sociedade científica até meados do século XVII, segundo a qual existiria apenas um corpo e pelo menos dois gêneros. No isomorfismo, a idéia é de que o aparelho genital feminino corresponde ao inverso do masculino, de forma que cada um dos órgãos possui um correspondente. Por exemplo, o útero equivaleria ao escroto; os ovários aos testículos, e a vagina seria um pênis invertido, ou seja, tudo que o homem tem “para fora” a mulher tem “para dentro” do corpo. O homem, nesta concepção, tem em seu corpo mais calor que a mulher, e, esta, por sua vez, não tem o calor necessário para empurrar para fora o que a frieza mantém preso para dentro; este calor é a energia vital necessária para gerar outra vida. A função da mulher na reprodução seria de guardar a semente da vida plantada pelo homem.

Fica evidente aí que o corpo não é diferenciado sexualmente por suas características biológicas, até porque ambos os sexos são equivalentes. Há uma continuidade, sendo que a diferença está no grau de energia que supostamente possuem.

A sociedade que legitimava o isomorfismo não via como problema o fato de uma menina, por acidente, tornar-se menino, e há registros na história de casos assim. (BENTO, 2008)

Ainda segundo Bento (2008), foi a partir do século XX que a medicina e as ciências “psi” - psicologia, psiquiatria e psicanálise - passaram a ser consideradas como ideais para estudar o fenômeno, e isto significa que o trânsito de um gênero a outro passou a ser considerado como doença. Foi por esta razão que a transexualidade começou a ser diagnosticada junto a diversos tipos de transtornos mentais. Como não há nenhum exame clínico que possa responder com exatidão se a pessoa que solicita o procedimento de transgenitalização é um/a transexual “de verdade”, foram criados critérios médicos padronizados para esta finalidade.

É desta forma que a ciência enxerga e lida com a transexualidade, evidenciando a necessidade de enquadrá-la como doença e de classificar os indivíduos transexuais como anormais. Esta visão legitima o modelo estereotipado da normalidade que acaba sendo naturalizado e reativado nas relações sociais de forma geral.

Há uma confusão evidente entre o que se entende por transexuais, homossexuais, travestis, *drag queens* e demais categorias de indivíduos para os quais os estereótipos de sexo e gênero não são aplicáveis diretamente. Sexo, gênero e orientação sexual são conceitos diferentes que acabam se misturando no entendimento das pessoas, principalmente quando se trata dos indivíduos que não seguem os padrões em qualquer um desses aspectos.

Segundo Bento (*op. cit.*), transexual é o indivíduo que vive uma situação de desarmonia entre o corpo que tem e o gênero com o qual se identifica. Silveira (2006) ressalta que a pessoa transexual desenvolve uma identidade de gênero condizente com a do sexo

biológico oposto ao seu, e isto nasce do fato de que há um desacordo entre quem ela é, quem sente ser e o que sua aparência diz que é. O sexo genital em geral é negado, não constitui uma fonte possível de prazer. Desta forma, a vivência da transexualidade é caracterizada por intenso sofrimento, proveniente desta desarmonia que leva à não aceitação do corpo e a questões relacionadas à própria identidade. Há uma visão sociológica sobre a condição transexual por meio da qual é possível ver este sofrimento como consequência da exclusão produzida pelo modelo médico e patologizante em vigor na atualidade. Para Bento (2008), a transexualidade é uma das múltiplas experiências identitárias que se constituíram como resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social por meio da produção de sujeitos normais e anormais, e que localiza a verdade da identidade e do gênero nas estruturas do corpo.

No caso dos homossexuais, não há a rejeição do sexo biológico. O indivíduo tem sua identidade de gênero construída em conformidade com seus caracteres sexuais e isto não é uma questão a ser resolvida. A orientação sexual é a característica “desviante” nestes casos, já que a atração sexual acontece em relação a pessoas do mesmo sexo. Assim sendo, a questão conflituosa é o objeto de desejo e não a própria identidade de gênero.

O termo travestismo (que corresponde, em inglês a *crossdressing*) refere-se a pessoas que usam roupas ou objetos relacionados ao sexo oposto, o que pode ocorrer sob diversas circunstâncias e com diferentes sentidos. *Drag Queens* (homens vestidos de mulher) e *Drag Kings* (mulheres vestidas de homem) são artistas que se travestem do sexo oposto de forma exagerada ou cômica, com a finalidade de realizar trabalhos teatrais, e geralmente constroem um personagem específico para as encenações. Nestes

casos, a orientação sexual independe do comportamento de travestir-se e os indivíduos identificam-se com seu sexo biológico.

Há ainda os casos de andróginos ou intersexo: são pessoas que nascem com os órgãos genitais constituídos de forma que o sexo não pode ser reconhecido apenas pela aparência dos mesmos, já que têm características de ambos os sexos. Segundo Spinola-Castro (2005), quando isto acontece, são necessários diversos exames para a identificação do sexo orgânico, dentro dos critérios estabelecidos pela medicina. Além disso, existe a preocupação com o que se chama de “sexo psicológico ou psicossocial”, que não é necessariamente correspondente ao sexo orgânico identificável via exames. Entram aí elementos como a visão dos pais sobre a criança e as mudanças hormonais e psicológicas causadas pela puberdade. A questão conflituosa nesses casos de intersexualidade orgânica, portanto, é trazida a princípio para a família quando é necessário decidir qual será o sexo de criação. Spinola-Castro diz ainda que, mesmo com avançados estudos na área, ainda não se conhecem todos os mecanismos que determinam ou influenciam na formação da identidade e do comportamento sexual. Também não há uma medida do quanto o ambiente modifica o reconhecimento do gênero que os indivíduos fazem de si mesmos, bem como a orientação sexual.

Neste sentido, há algo em comum entre a questão dos transexuais e a dos andróginos, uma vez que a influência do ambiente é crucial na determinação do gênero que será reconhecido pelo próprio sujeito. Por outro lado, uma das diferenças é que o transexual já encontrará uma série de expectativas em sua rede social referentes ao que se espera dele em termos de comportamentos correspondentes ao sexo, e, no caso de

intersexualidade, existe a dúvida que atrapalha a formação das expectativas apenas com base no sexo genital.

Estas questões mostram o quanto se faz necessário o conhecimento destes fenômenos e suas peculiaridades para que seja possível o acompanhamento das necessidades individuais das pessoas que vivenciam esta problemática. A diferenciação entre sexo e gênero parece ser uma das questões cruciais para a compreensão da transexualidade e as contradições envolvidas neste processo.

Em geral, a palavra “gênero” costuma referir-se a um sistema de classificação que é compartilhado socialmente, baseia-se em características comportamentais e psicossociais, enquanto “sexo” refere-se à identificação possível dos caracteres físicos e observáveis. Segundo Toneli (2008), a diferenciação entre estes conceitos já não se faz tão simples atualmente, já que as discussões mais modernas apontam o sexo como algo que também é construído socialmente – e, portanto, vai além da perspectiva meramente física – de forma a diluir a idéia constituída de que o gênero é um elemento cultural e o sexo é meramente biológico. Essa dificuldade de diferenciar e também de articular aparece, por exemplo, nas classificações do DSM-IV, em que o item “Transtornos Sexuais” tem como subparte o item “Transtornos de Identidade de Gênero”, mostrando alguma indiferenciação entre os significados de “sexualidade” e “gênero”. Ainda segundo Toneli, os estudos pautados na heterossexualidade via de regra limitam “gênero” à distinção binária homens/mulheres.

Neste sentido, pode-se notar que a noção de gênero compartilhada em geral pelos/as transexuais é de fato essencialista.

A questão do conflito com o corpo mostra também que há uma ligação direta entre sexo genital e gênero, já que se faz necessário “corrigir” o corpo para que haja harmonia na identidade e o indivíduo possa então se adequar aos padrões de normalidade determinados socialmente.

Esta necessidade de correção pode ser lida como uma espécie de punição para os indivíduos que fogem a estes estereótipos. Para Butler (2006) o gênero é uma norma social que pune aqueles que fogem de seu modelo, e isto se exemplifica por essa citada necessidade de correção e adequação, pelos preconceitos enfrentados socialmente, além da patologização de pessoas diagnosticadas com “Transtorno de Identidade de Gênero”. A outra função social desta norma seria de produzir um poder social por meio da instituição da binariedade desse gênero, desta forma o masculino e o feminino são constituídos, atualizados e naturalizados na cultura.

A ideia de gênero como conceito limitado a esta bimodalidade é colocada à prova no momento em que surgem essas novas categorias de transgêneros - o que surge na realidade é a classificação, os fenômenos já existiam e são típicos da espécie humana, como já dito anteriormente. Por um lado existe a visão científica e patologizante dos desvios e problemas da sexualidade, mas por outro é pertinente pensar que a noção de gênero pode oferecer possibilidades de variação que vão além desta binariedade já instituída.

O que se entende por gênero está intimamente atrelado a correspondentes expectativas comportamentais que se aplicam aos indivíduos “normais” e também refletem a forma como são encarados os “anormais”. Para Bento (2008), a partir do século XIX o discurso

científico determinou que todos os indivíduos têm um sexo verdadeiro, e definiu nos corpos os elementos que justificariam as desigualdades e diferenças hierarquizadas provenientes desta distinção masculino/feminino:

“Os discursos da diferença sexual darão suporte, a partir de um discurso científico, ao julgamento das condutas. Por esta concepção, a mulher e o homem são portadores de diferenças irrelativizáveis. Da espessura da pele ao tamanho do crânio, da estrutura psíquica aos complexos, tudo é diferença. A refinada engenharia da diferença sexual esquadrinhou os corpos com o objetivo de provar que não há nada em comum entre o feminino e o masculino. O único momento de encontro possível aconteceria no ato sexual”.
(Bento, 2008, p.23)

A naturalização desta diferença também abarca a questão comportamental da orientação sexual. Os elementos simbólicos que identificam o que é feminino e o que é masculino são em geral relacionados à heterossexualidade. Bento (2008) encontra e analisa, da literatura, uma concepção bastante comum do que se entende por “vagina” - onde o pênis se encaixa durante a relação sexual e por onde os bebês saem. Desta forma, as lésbicas não seriam mulheres e as transexuais jamais chegariam a ser mulheres completas. Portanto, estes atributos referem-se não simplesmente ao feminino, mas sim à heterossexualidade feminina, sendo que não se estendem a toda e qualquer mulher.

A autora busca no discurso feminista alguns dados sobre esta questão da heterossexualidade sob um prisma que muito interessa a esta discussão, uma vez que a própria participação de mulheres transexuais no movimento feminista é por si uma questão polêmica,

e, portanto, faz-se necessário conhecer as concepções acerca da sexualidade trabalhadas pelas feministas.

No discurso deste movimento há a idéia de que a heterossexualidade nada mais é do que um regime de poder interpretado e internalizado como algo natural pela sociedade. De acordo com as normas de gênero pautadas por este regime, poder-se-ia dizer que as lésbicas não são mulheres, já que “mulher” não é uma identidade natural e sim uma categoria de poder que faz parte do discurso heterocentrado. Desta forma, a heterossexualidade não é apenas uma prática sexual, mas sim a matriz do regime de poder.

Bento (2008) afirma que a heterossexualidade não surge espontaneamente, ela se inscreve reiteradamente por meio de constantes repetições dos códigos aceitos socialmente como naturais. A idéia do corpo que é sexuado e tem seu oposto complementar por natureza é legitimada neste processo por meio da materialização intencionalmente organizada, condicionada e circunscrita pelas convenções históricas. É notável o quanto a ciência contribuiu para a interpretação contemporânea do fenômeno tal como o conhecemos, porque é uma das instituições que participa da construção de sentidos e significados para os elementos que compõem a vida em sociedade.

Podemos agora olhar mais a fundo para a problemática vivida pelas transexuais: a inadequação sentida por elas em relação ao corpo e o discurso que em geral exige reconhecimento da identidade sexual que sentem ter. Podemos entender que isto existe porque há expectativas socialmente constituídas e reafirmadas no que concerne aos comportamentos esperados para cada corpo sexuado. Segundo

Bento (2006), o corpo é fruto do processo histórico de produção-reprodução sexual. Antes de nascer, já é enquadrado em determinado campo discursivo e já se espera dele certos comportamentos, gostos e características subjetivas, invertendo a ordem de causalidade que seria natural neste processo. Quando a mãe fica sabendo o sexo genital de seu bebê, instala-se o conjunto de expectativas e pressupostos que dão base às performances de gênero, muitas vezes antes mesmo do nascimento. Existe aí o modelo tido como normal e humanamente aceitável: o da heterossexualidade, que é composto de diversos códigos cujos significados serão naturalizados, e o que for diverso será ofuscado ou eliminado, posto à margem do aceitável. Portanto, a heterossexualidade não é algo que surge e se mostra espontaneamente no corpo, é na verdade uma condição constituída no processo de repetição dos códigos tidos como naturais em relação ao que se espera de um homem e de uma mulher.

Considerando esse aspecto, vem à tona outra questão, que se refere às expectativas acerca da sexualidade das transexuais. Para Bento (2003), a definição socialmente construída sobre o que é ser homem e o que é ser mulher automaticamente se transfere para as transexuais, uma vez que se entende a necessidade de tornar-se mulher como sinônimo de tornar-se mulher heterossexual. Em relação à cirurgia de transgenitalização, seu objetivo final seria, portanto, permitir a ascensão à heterossexualidade, e para muitos especialistas no tema, a possibilidade de homossexualidade nem é considerada. Porém, essa idéia não se confirma factualmente, já que existem transexuais masculinos e femininos que se definem homossexuais, confirmando a noção de sexualidade deslocada da referência sexual biológica.

Há estudos demonstrando que esta concepção baseada no modelo heterossexual fundamenta - ainda que isto não seja uma regra - a construção da identidade de muitas mulheres transexuais. Um dos processos que compõem a assimilação e incorporação do gênero é a relação estabelecida com elementos representativos do universo feminino em nossa cultura. Segundo Zambrano (2006), uma relação afetivo-sexual com homens é considerada por elas como heterossexual, e contém, portanto, os papéis de gênero e as características intrafamiliares tradicionais. A maternagem é um fator que confirma o gênero feminino das transexuais. Nas situações de parentalidade, ocupam a posição da mãe, que é complementada pela do pai, exercida pelo companheiro. O chamado “instinto materno” parece ser incorporado socialmente de forma a torná-las aptas à função de mãe, e por meio dele, confirmam a idéia de serem psiquicamente mulheres.

Sobre a reprodução, as transexuais em geral não consideram a possibilidade de fazer uso de métodos como a coleta do próprio sêmen para terem filhos biológicos, pois os associam à paternidade, já que o fariam como homens, e o desejo delas é de ocupar o papel de mãe, e não de pai. Segundo a autora, a função paterna é dada pelo fator biológico, está associada aos fluidos que seus corpos produziam anteriormente (hormônios, sêmen), enquanto a representação materna configura-se no âmbito social e se relaciona com a percepção de si como alguém que possui uma essência feminina e um corpo feminilizado.

Os parâmetros a partir dos quais um/a transexual é avaliado/a, portanto, vêm das convenções compartilhadas acerca da sexualidade humana atualmente. Segundo Bento (2008), o referencial das instituições às quais cabe um posicionamento em relação à demanda

transexual são as convenções sociais hegemônicas para os gêneros. Logo, para definir o que é um/a transexual “de verdade”, a maneira utilizada é voltar aos referenciais do que é ser homem e o que é ser mulher. Isto explica diversas expectativas acerca da transexualidade, como, por exemplo, aquela acerca da orientação sexual. Tem-se como modelo de normalidade a orientação heterossexual, e, portanto, espera-se que um/a transexual tenha esta característica correspondente ao que é “normal”. É mais difícil imaginar a aceitação social de uma mulher transexual e homossexual, por exemplo, embora estas duas características refiram-se a aspectos diversos da sexualidade.

Portanto, segundo a autora, as definições do que é ser homem e do que é ser mulher se refletem nas definições do que é ser transexual, do que se espera em relação a esta categoria que põe em funcionamento os valores e idéias que estruturam as concepções de gênero na sociedade.

Com estes dados, não resta dúvida de que a transexualidade ainda não faz parte do repertório de saberes da sociedade em geral. A ciência busca olhares de compreensão, e mesmo assim ainda não se apropriou suficientemente do fenômeno, até porque diferentes olhares buscam e definem de maneiras extremamente diversas a questão. Em se tratando da população em geral, pior se torna a situação. Como já demonstrado, existe uma clara confusão quando se trata de termos que categorizam a sexualidade humana em nossa cultura, e todos os agrupamentos organizados em torno dos casos de transgênero são indiferenciados perante a sociedade em geral.

Esta deficiência conceitual e compreensiva se reflete inclusive na questão judicial. Sabe-se que hoje, no Brasil, as pessoas que buscam adequação de seu registro, mesmo após uma cirurgia de transgenitalização, enfrentam grandes problemas e nem sempre logram êxito. Da mesma forma, crescem a cada dia os casos de famílias constituídas de pais homossexuais ou transgênero que lutam na justiça em processos de adoção, e além de sofrerem preconceito, freqüentemente não conseguem legalizar sua condição, em decorrência da falta de estrutura cultural e legal para tais circunstâncias. Até os casamentos entre parceiros que não atendem aos padrões de normalidade sexual raramente obtêm reconhecimento e proteção legal. Apesar disso, já existem profissionais da área que trazem propostas mais sensíveis de olhar, reconhecendo a diferença e procurando manter o direito subjetivo de agrupar o indivíduo na situação legal e no gênero com que melhor se identifique⁴.

⁴ Ver artigo de Maria Berenice DIAS, "Transexualismo e o direito de casar", *Seleções Jurídicas*, Edição Especial, Porto Alegre, Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, p. 34 - 36, jun. 2000

3. Considerações Teóricas

A Psicologia Analítica de C. G. Jung é extremamente vasta, abarca inúmeros conceitos e visões acerca dos fenômenos humanos. Porém, existe uma característica comum aos diversos pontos do pensamento de Jung, independente do conteúdo tratado, e diz respeito à forma como os aspectos humanos se constituem e se desenvolvem: os opostos que se complementam e se inter-relacionam.

Esta idéia permeia diversos pontos e responde a muitas perguntas acerca de contradições que são típicas do ser humano; características inatas e já esperadas, outras nem tanto. Os conceitos da teoria junguiana são importantes para o desenvolvimento da análise objetivada neste trabalho justamente por esta característica de abarcar opostos e contradições que constituem a condição humana.

3.1. *Persona e Sombra*

Ao falar sobre personalidade, Jung une aspectos estruturantes que seriam inatos e outros que são adquiridos socialmente, e é nesta dinâmica que se dá o desenvolvimento do indivíduo. Para começar, a psique não é vista como algo inteiro e uniforme, e sim como um

conjunto de diversas partes, ou centros de consciência. Segundo Stein (2006), Jung conceitua a personalidade como um agregado de diversas subpersonalidades que têm funções diferentes, como a *persona* e a *sombra*, que são divergentes e se complementam. Assim como estas há outras várias atitudes e orientações divergentes que podem cair em uma situação de oposição recíproca e criar conflitos que culminam em estados neuróticos no indivíduo. Para Jung, no começo da vida, temos uma personalidade amorfa que se constitui como potência até então indiferenciada. Com o tempo e o desenvolvimento, esta totalidade vai dividindo-se em partes e uma parcela ficará no inconsciente (de forma breve: o inconsciente, dentro da perspectiva da psicologia analítica, é constituído como grupos de materiais psíquicos em torno de imagos, internalizações e experiências traumáticas que formam subpersonalidades e complexos autônomos).

Stein (*op. cit.*) afirma que a *sombra* é uma instância que se encontra fora do controle do ego, que, geralmente, não tem consciência de que projeta uma *sombra*. Diversas partes da personalidade ficam na *sombra* por não serem integradas ao ego devido a dissonâncias cognitivas ou emocionais, porém, o conteúdo da *sombra* muda no decorrer do tempo conforme modificações das atitudes e da própria defensividade do ego.

A *sombra* é uma parte do ego necessária às relações deste com o mundo. Ela é o aspecto imoral ou pouco recomendável ao que é compartilhado socialmente; é o aspecto contrário às convenções, o lado inconsciente das operações intencionais, voluntárias e defensivas do ego. No processo em que se adapta ao mundo, é por meio dela que o ego realiza ações desagradáveis / inaceitáveis ainda

que involuntariamente, sem cair num conflito moral, já que o que assim o ego não toma conhecimento do que não convém.

É possível trazer conteúdos da *sombra* para a consciência, porém o processo é dificultado pelas próprias defesas do ego (contra o conhecimento consciente da *sombra*). É mais fácil ter acesso a estes aspectos pela descrição sincera feita por alguém que convive com o indivíduo do que pela mera percepção deste acerca de si próprio.

Quando a *sombra* não é integrada e experimentada diretamente, acaba sendo projetada em outrem. É comum a não percepção, por parte do indivíduo, do processo de projeção. Usualmente há um aspecto real no outro, um defeito, a partir do qual se dá a projeção. Desta forma, o ego não diferencia as partes desta mistura entre percepção e projeção, e tende a uma atitude meramente observadora e crítica da situação.

A *sombra* se forma conforme o ego se desenvolve: tudo o que ele rejeita vai para a *sombra*, e o que a consciência aceita e reconhece vai constituir a *persona* – pública e identificada com a consciência.

A *persona*, portanto, é compatível com o ego, mas não deixa de ser alheia a ele. É o elemento responsável por revelar e esconder pensamentos e sentimentos conscientes de um indivíduo a outro. É um complexo funcional que se constitui no indivíduo por meio da educação e adaptação à cultura da qual faz parte. Sua atuação é perceptível nas relações mais casuais do dia a dia, já que facilita os relacionamentos ao amenizar situações constrangedoras e

proporcionar uma superficialidade conveniente aos contatos mais cotidianos.

A forma como alguém age em sociedade é determinada pela maneira como este alguém percebe a expectativa do meio acerca de suas ações. O ser humano lança mão de suas diversas subpersonalidades e dispõe dessas possibilidades conforme for conveniente. Seu comportamento varia em circunstâncias diferentes, o que demonstra que o caráter se altera em função da necessidade de adaptação ao meio. Isto acontece porque as pessoas são sensíveis às expectativas das outras (ou ao que podem perceber acerca destas expectativas), e aprendem que em determinadas situações se faz necessário certo tipo de atitude e postura, e não outro qualquer. Apesar de haver esse conjunto de diferentes subpersonalidades, não se espera que o indivíduo exponha mais do que uma; se isto acontecer, provavelmente será diagnosticado e punido em seu meio.

O processo pelo qual o ego se relaciona com o meio, absorve elementos e se une a objetos externos é a identificação: ela é consciente e inconsciente, e é por meio dela que o ego constitui sua face pública – a *persona*. É a identificação do ego com a *persona* que permite que o indivíduo possua uma identidade psicossocial.

Existem fatores sociais e subjetivos que funcionam como fonte de materiais para compor a *persona*; parte são as condições do próprio meio – as configurações acerca do tipo de pessoa que se deseja ser, as formas mais apropriadas de comportar-se e as crenças, por exemplo - e parte são os objetivos e aspirações do

indivíduo – ambições sociais do indivíduo, sua identificação com determinados papéis sociais.

Em tese, o ego não determina a *persona* com a qual irá se identificar. Há fatores que orientam grande parcela deste processo, como caracteres físicos que geram as expectativas do meio social do qual o indivíduo faz parte. Um dos fatores mais importantes neste sentido é o sexo.

Em geral, as crianças imitam o comportamento das outras cujo sexo é correspondente ao seu. As meninas imitam as mães e os meninos imitam os pais, ou alguma figura do convívio que seja modelo do mesmo sexo. É esperado que as crianças se comportem assim, que as meninas provem as roupas das mães – por outro lado, se um menino provar a roupa da mãe causará preocupação ou ao menos espanto por parte da família. Isto demonstra que o sexo é uma das formas pelas quais somos classificados e distinguidos desde cedo, e o esperado é que cada um absorva para sua *persona* caracteres condizentes com o gênero que corresponde ao sexo que possui.

Um indivíduo será tratado de formas diferentes conforme for o seu comportamento em relação ao que é esperado dele. Nem sempre ocorre um ajustamento perfeito e natural entre o sexo e o gênero que se constitui – este ponto será tratado mais detalhadamente adiante.

3.2. Anima e Animus

Tratando dos aspectos femininos / masculinos e das identidades, chegamos a um ponto importante da teoria de Jung e elemento fundamental para esta discussão. *Anima* e *Animus* são subpersonalidades da psique humana que não são representações correspondentes à identidade do ego. Como estruturas abstratas e comuns a homens e mulheres, a referência ao sexo correspondente torna-se uma questão secundária quando se trata de estudar tais instâncias.

A teoria de Jung propõe que *anima* e *animus* são figuras arquetípicas, e, portanto, não derivam da cultura nem são cognoscíveis diretamente, apenas por meio de suas manifestações. (STEIN, 2006). Estes arquétipos representam o que é “o outro” em cada sexo. Cada um representa o que é incompreensível ao seu oposto; algo que nunca poderá ser conhecido completamente pelo seu oposto, no máximo ocorrerá uma assimilação intuída do sentido destas manifestações. *Anima/us* constituem uma dimensão psíquica irracional, não apenas anterior à consciência, mas também uma pré-condição para que esta exista; são o mundo inferior e inadaptado. (WHITMONT, 1994).

Fazendo um paralelo com a *persona*, pode-se dizer que tanto esta quanto *anima/us* são complexos funcionais cuja importância reside na característica de ligar o ego ao mundo social, externo, aos objetos - no caso da *persona* – e ao mundo interior, ao inconsciente pessoal e coletivo – *anima* e *animus*. (STEIN, 2006). Assim também

se pode entender que a *sombra* representa o inconsciente pessoal, enquanto *anima/us* personificam os padrões humanos gerais e instintivos, inconscientes, nos quais se baseiam muitas características pessoais. *Anima/us* são personalidades parciais, separadas, que se comportam de maneira peculiar. Em termos de individuação, faz-se necessário o conhecimento desta outra personalidade; saber como pensa, sente e tende a agir. A partir daí, em determinadas situações, será indispensável considerar não apenas sua própria reação, mas também como *anima/us* age, o que deseja, de que gosta ou não gosta. (WHITMONT, 1994).

Stein (2006) exemplifica que um homem cujo ego está identificado com a personalidade da *anima* poderá mostrar-se vulnerável a constantes variações de humor, já que sofre influência das características de hipersensibilidade e emocionalidade exacerbada da *anima*. Considerando que a *anima* não é muito desenvolvida, esta influência virá a atrapalhar o funcionamento do ego, já que este será afetado por inúmeros afetos indiferenciados. Da mesma forma, uma mulher que venha a ter problemas com o *animus* poderá sofrer em decorrência do que Jung chamou de possessão pelo *animus*. Neste caso, ocorrem impulsos inconscientes de dominação e controle que não permitirão a esta mulher manter uma atitude mais amável e em conformidade com sua *persona*. A possessão *anima/us* denota um subdesenvolvimento do ego, já que este não foi capaz de reter e filtrar na consciência esses conteúdos que transbordam em suas atitudes. Além disso, há também a evidência de que a estrutura psíquica da *anima/us* tampouco sofreu o necessário desenvolvimento. É “natural” que haja influência de outrem na relação ego – *anima/us*, uma vez que, em tese, os homens buscarão uma mulher que possa auxiliá-los no controle de suas emoções, enquanto as mulheres

buscarão um homem que possa fazer algo com os pensamentos mais inspirados que vierem a ter.

As estruturas arquetípicas da *anima/us* constituem padrões comportamentais comuns à humanidade. Segundo Whitmont (1994), a *anima* é a imagem afetiva do feminino eterno; representa os aspectos impulsivos relacionados à vida como fenômeno natural. É o impulso para a emotividade e o envolvimento, a conexão instintiva com outras pessoas. Como padrão de emoção, representa os anseios inconscientes do homem, suas aspirações e humores, ansiedades, aspectos emocionais e medos, bem como seu potencial para relacionar-se. É a *anima* em projeção que faz um homem amar ou odiar; e, de maneira geral, os relacionamentos afetivos estão sujeitos a começar pelas projeções deste complexo, embora a realidade do outro seja diferente desta projeção. Assim como a *anima* evoca reações emocionais, o *animus* atuará automaticamente em qualquer situação que demande iniciativa, agressividade, ação, entendimento e racionalidade, possivelmente de maneira dogmática, cega e hostil.

O autor faz um paralelo entre estas tendências e os comportamentos reflexos no nível biológico, já que estes padrões de comportamento são evocados por situações típicas: a resposta é automática, emocional e intuitiva, a menos que a consciência possa interferir e modificar. Assim, quando determinada situação evoca emoções e a resposta emocional não é canalizada conscientemente, a resposta virá do inconsciente, podendo não considerar suas intenções e até mesmo ser oposta a elas. O *animus* não integrado na consciência, portanto, virá a manifestar-se de forma autônoma e provocará reações em uma *anima*, e vice-versa.

Conforme Whitmont (1994), o *animus* atua sob diversas formas em fantasias e sonhos, podendo inclusive surgir sob combinações diversas, mas isto sempre se baseia nos quatro tipos de manifestação de masculinidade: Pai, Filho, Herói e Sábio. Assim como, no caso da *anima*, as variações se baseiam nos modelos básicos de feminilidade: Mãe, Hetaira, Amazona e Médium.

Ainda dentro do pensamento de Whitmont (*op. cit.*), em tese, o relacionamento da mulher com o pai e outras figuras masculinas de autoridade modela o relacionamento desta com o âmbito do significado, da agressividade, segurança e autoridade. A tendência é a de que a mulher constitua seu padrão de expectativas acerca do homem com base em sua experiência em relação à masculinidade do pai.

No processo da constituição humana, sob o ponto de vista da dualidade “*anima X animus*”, é possível identificar aspectos que justificam padrões da dinâmica comportamental observável a partir da influência exercida por estas personalidades autônomas e ocultas:

“Em suas formas mais demolidoras, o *animus* opera como um impulso de poder inconsciente, como um demônio de opiniões disfarçado de sentimento cálido e feminilidade indefesa: o lobo em pele de cordeiro, a garra de aço de julgamento coletivo e egotismo implacável na luva de veludo do suave comportamento feminino. Como todo complexo disruptivo, ele se exprime em identidade, compulsividade, primitividade, projeção e inflação e, sob esta forma, como um ímpeto de separação inconsciente, primitivo e, portanto, cegamente destrutivo, interfere com a possibilidade de relacionamento, de amor e compreensão; assim como a *anima*, o ímpeto de

envolvimento compulsivo interfere com a racionalidade de um homem e sua capacidade de compreensão, já que ele fica “todo enrolado” com sua capacidade não desenvolvida de se relacionar”. (WHITMONT, 1995, p.186)

Para o autor, as mulheres tendem a se manter menos separadas de suas raízes inconscientes, de forma que o ego feminino constitui-se de forma menos racional e mais indefinida, em relação ao ego masculino de forma geral. Assim sendo, a menos que se estabeleça uma relação com o *animus*, um contato com ele, ocorrerá uma perda de capacidade e potencialidade por parte do ego, fazendo com que a mulher assuma uma postura agressiva ou fraca, podendo ainda ser uma combinação destes extremos alternadamente. A mulher somente tem a possibilidade de fazer contato com seu *self* feminino e acessar o inconsciente se puder confrontar seu *animus*, da mesma forma que o homem apenas acessará a psique objetiva por meio da *anima*. Desta forma, se uma mulher se desenvolve presa ao estereótipo maternal, passivo e amoroso, estará abdicando de sua personalidade real, já que não integrou em si nem um pouco de agressividade e de raciocínio; não teve seu *animus* como guia de autodesenvolvimento, ficando alheia à possibilidade de pensamento claro e factual, de escolhas conscientes.

De acordo com Stein (2006), a nomeação dada por Jung para o aspecto mais íntimo da personalidade do homem como *anima* (alma) e da mulher como *animus* (espírito) têm uma razão de ser: as respectivas desinências visam a uma diferenciação de gênero, e, conseqüentemente, à idéia de que há diferenças fundamentais nos níveis psíquicos mais profundos de homens e mulheres. Isto não

interfere na proposição fundante de que homens e mulheres têm aspectos masculinos e femininos em suas personalidades, e o que diferencia, basicamente, é a proporção e distribuição dessas qualidades. Seguindo este raciocínio, um homem muito viril terá a feminilidade na mesma proporção em sua *anima*, e a mulher extremamente feminina terá as características identificadas como masculinas na cultura em seu *animus*.

Segundo Whitmont (1994), processo de integração do complexo *anima/us* é o problema da individuação, de maneira geral. No caso da mulher em relação ao *animus*, é necessário que haja uma aceitação ativa por meio de um confronto consciente. No caso do homem em relação à *anima*, o desafio envolve a questão da receptividade e da capacidade de vivenciar as emoções e, por conseqüência, a relação com as pessoas. A maneira pela qual cada um percorre este caminho é enfrentando circunstâncias de tensão de forma racional, questionando ao invés de dar vazão às reações emocionais; criar espaço para o raciocínio e a compreensão objetiva dos fatos.

É importante considerar que a cultura sofre modificações, e, especialmente nas últimas décadas, no que concerne a este ponto, o estilo mais andrógino e menos polarizado tem sido absorvido. Esta observação traz à tona o fato de que, assim como as imagens coletivas de feminino e masculino se alteram, *anima* e *animus* também o fazem, o que cria uma demanda de revisão conceitual acerca destas imagens. Apesar disso, a idéia fundamental de complementaridade permanece, o que significa que o padrão pode mudar, mas a personalidade mais profunda sempre guardará os caracteres que faltam na identidade pública. Desta forma, se uma mulher tem traços masculinos em sua *persona*, isto significa que a

feminilidade está presente, em qualidade, em seu *animus* (STEIN, 2006).

Em suma, sobre a questão do gênero, a noção que é constituída e compartilhada socialmente agrega determinadas qualidades ao que se conhece por masculino – ativo, vigoroso, lógico, contundente, dominante - e outras para o que é tido como feminino – passiva, emotiva, receptiva, suave, empática –, e isto em geral é convencionalmente independente do corpo que guarda esses traços. Daí nasce o questionamento acerca destas definições: será que as categorias de masculino e feminino devem ser atribuídas a alguém simplesmente com base no sexo biológico? O que se pode abstrair, a princípio, é que existem atitudes complementares, a atitude interior sempre está fora do controle do ego, e é ela que possui aquilo que é deixado de fora da *persona*.

3.3. Símbolo

Pensando na realidade psíquica humana e suas infinitas possibilidades de variação – não apenas no que concerne à questão sexo/gênero - sob a perspectiva da psicologia analítica, é importante acrescentar ainda a importância e a influência da dimensão simbólica na realidade tal como é percebida. Segundo Whitmont (1994), é o mecanismo de simbolização que permite a expressão de experiências

humanas espontâneas na direção de um significado, não por meio racional previamente determinado, mas por ser a melhor forma de representação de um fato relativamente desconhecido, embora tido como existente.

A idéia de uma perspectiva de vida psíquica simbólica não exclui ou elimina outros aspectos da experiência humana. Segundo Penna (2003), a psicologia analítica considera que o ser humano é um ser simbólico que vive em uma dimensão simbólica, e esta, por sua vez, abrange aspectos culturais, biológicos, ambientais e psicológicos. Este fenômeno psíquico, o símbolo, é o elemento que sintetiza, une e conecta conteúdos conscientes e inconscientes, sendo, portanto, produto da tensão entre estes opostos no caminho da integração. A própria origem da palavra – do grego *syballein* – quer dizer “lançado junto”, o que remete ao seu sentido de síntese e ligação entre as coisas, como a ligação que constitui entre o conhecido e o desconhecido.

Penna (*op. cit.*) coloca que o símbolo tem determinadas funções e razões de ser, a começar por esta característica de conectividade já citada. Outro aspecto de sua funcionalidade diz respeito ao fato de os símbolos serem reveladores: no processo de união dos aspectos conhecidos e desconhecidos, eles revelam algo do âmbito do desconhecido. Considerando que o símbolo usa uma imagem ou expressão no lugar de outra, tem-se que o símbolo é substitutivo, neste sentido. E, por fim, a autora coloca que os símbolos são transformadores, já que tornam a energia inconsciente em consciente; este último aspecto inclui os anteriores e constitui sua característica de inovação. A idéia é a de que o símbolo concentra em si diversos aspectos conscientes e inconscientes e que se expressam por imagens (sensações, idéias, sentimentos ou outras

formas de representação do que é psíquico): é como uma representação concentrada da psique.

O símbolo é o produto intermediário que resulta da tensão dos opostos; é a interação da consciência com a inconsciência por meio do mecanismo de auto-regulação, sendo constituído da energia resultante da tensão que ali ocorre. Esta tensão é vivida como um conflito pelo indivíduo, no nível consciente:

“O símbolo aparece para a consciência como algo intrigante e inquietante, sua natureza paradoxal e ambivalente produz no ego uma sensação simultaneamente de plenitude e vazio.” (Penna, 2003. p.152)

Para que o processo de transformação pela simbolização ocorra, o ego precisa ter uma atitude favorável a tal processo, a consciência precisa participar e considerar tais eventos como simbólicos. Embora a consciência não crie o símbolo, é ela que determinará se o processo de transformação ocorrerá, e isto depende de suas condições para levar a cabo tal processo. O símbolo, portanto, não é o suficiente para a transformação em si.

Outro aspecto importante sobre este processo de transformação é a abrangência dos contextos em que ela ocorre. Segundo Penna (*op. cit.*), a função transformadora do símbolo ocorre tanto no âmbito individual quanto no coletivo: o símbolo traz para a consciência elementos do inconsciente pessoal - os complexos - e do

inconsciente coletivo – arquétipos. A base do símbolo, porém, é constituída pelos aspectos arquetípicos, e, desta forma, ele constitui a maneira pela qual elementos da psique podem ser experimentados pelo indivíduo ou pela cultura, e é só assim, por meio da vivência, que podem ser sentidos e incorporados.

A autora coloca que, para que o símbolo seja compreendido, é necessário que se considere o contexto como um todo, até porque o símbolo é decorrente da composição da energia psíquica naquele momento, no contexto em que se insere. A dimensão consciente do símbolo deve ser vista sob o ponto de vista espaço-temporal, ou seja, as condições sociais e históricas em que ele surge; já a dimensão inconsciente não possui as características temporais e espaciais. (PENNA, 2003)

Por fim, sobre o processo de integração do símbolo que proporciona a ampliação da consciência, é importante que a mensagem do símbolo seja compreendida, e isto ocorrerá se ela for traduzida por meio da construção de relações que liguem os aspectos conhecidos aos desconhecidos. É necessário que se busque entender qual atitude da consciência o símbolo vem compensar, bem como identificar o tema arquetípico subjacente e que transformação que ele vem anunciar.

4. Método

O objetivo deste trabalho é a identificação e compreensão de alguns dos símbolos psíquicos da feminilidade transexual explicitados no filme “Transamérica” (2005), e relacionados a outros elementos da literatura que se referem à questão do feminino de outras maneiras. Desta forma, pretende-se levantar questões pertinentes e obter novas explicações acerca destes aspectos subjetivos do tema, cruzando informações teóricas com dados obtidos através da análise do filme.

O trabalho acontecerá por um caminho que busca um ponto de vista realista de quem vive a transexualidade. Apesar de se tratar de um filme de ficção e não de relatos colhidos em entrevistas, a escolha do material ocorreu justamente porque ali foram encontrados elementos que são freqüentemente tematizados por mulheres transexuais no que concerne à realidade vivida por elas, seus maiores problemas e dificuldades de viver sua condição em sociedade.

Os elementos simbólicos serão analisados segundo o que se apreende de seus respectivos sentidos para a personagem, que é quem produz a rede de significações segundo a estrutura complexa de situações que vivencia.

A perspectiva da Psicologia Analítica permitirá embasamento para a análise aprofundada do conteúdo aqui trabalhado, especialmente em relação aos conteúdos simbólicos que forem identificados e contextualizados.

O símbolo é a possibilidade de relação e integração entre os aspectos coletivos e individuais, subjetivos e objetivos, é o elo constituído de significados. Segundo Penna (2003), os símbolos são a ponte entre o mundo arquetípico, o mundo da consciência e o mundo externo; é a face compreensível de todas estas instâncias relacionadas e integradas.

5. Transamérica – A história e sua personagem principal

*Façam muitas manhãs
Que se o mundo acabar
Eu ainda não fui feliz
Atrapalhem os pés
Dos exércitos, dos pelotões
Eu não fui feliz
Desmantelem no cais
Os navios de guerra
Eu ainda não fui feliz
Paralisem no céu
Todos os aviões
É urgente, eu não fui feliz
Tenho dezesseis anos
Sou morena clara
Atraente
E sentimental
Sentimental, sentimental*

(Sentimental. Chico Buarque/1985
Para o filme Ópera do malandro, de Ruy Guerra)

A primeira parte do filme contextualiza a personagem e a situação por ela enfrentada. Sabrina Osborne, a protagonista, é uma mulher transexual à espera da cirurgia de transgenitalização. Nas primeiras cenas do filme, ela aparece seguindo as instruções de um

vídeo para um treino de voz, a fim de que esta se torne mais feminina. Além disso, Bree (seu apelido) arruma-se de maneira tipicamente feminina, chegando a exagerar nos acessórios e detalhes cor-de-rosa, além das meias, cintas, esmaltes e enchimentos.

Ela passa por uma entrevista com um médico psiquiatra que a questiona sobre antecedentes de doenças mentais ou sintomas psicóticos nela ou na família, além de querer saber de que forma Bree se sentia em relação ao pênis e quais procedimentos médicos já realizara. Após responder, pedir a autorização para a cirurgia e até atrapalhar-se enquanto procurava dar as respostas mais adequadas, ela chega à psicóloga com o encaminhamento para que esta assine. Tudo corre bem, até que Bree revela que recebeu uma ligação de um garoto em um reformatório de Nova Iorque que procurava pelo pai, Stanley – seu nome de batismo. Apesar de ela insistir, a psicóloga decide que não entregará a autorização até que Bree resolva esta situação e esteja realmente pronta para a operação.

Chegando ao reformatório, ela fica sabendo que o garoto usa drogas e se prostitui. Quando o encontra pessoalmente, não se apresenta como pai nem como mãe, apenas diz ser uma missionária de determinada igreja. Percebe que o garoto não conta com parente algum, apenas se refere a um padrasto com quem não se dá bem. Além disso, possui certa fixação pela figura do pai que não teve, já que tem, em sua casa, uma foto antiga dos pais, e quando faz planos de sua carreira no cinema com filmes pornô, tem intenção de usar o nome Stanley.

Após telefonar para a psicóloga tentando convencê-la de que a história fora um engano e ser por ela desmentida, Bree volta ao hotel

em que ficou com o filho, após o pagamento da fiança, para levá-lo consigo. Em princípio, sua intenção é de aproximar o garoto do já citado padrasto. Após alugar um carro, já na estrada, ela começa a exercer função de educadora de Toby, proibindo-o de fumar e corrigindo algumas atitudes do garoto, que chega inclusive a se insinuar sexualmente para Bree em um hotel na beira da estrada. Adiante, chegam a uma cidade do interior onde ele reencontra seu padrasto, e neste momento fica evidente que o garoto era abusado sexualmente por ele desde a infância e por isso fugiu de casa. Nesta mesma visita, Bree descobre que a mãe de seu filho, na verdade, suicidou-se, ao contrário do que o seu filho dissera – que ela havia sofrido um enfarte.

De volta à estrada, depois de uma noite acampando, Bree e Toby param em um restaurante e uma garotinha pergunta se ela é homem ou mulher, o que a deixa perturbada e a leva a telefonar para a psicóloga.

Quando chegam à casa de uma transexual indicada pela psicóloga de Bree, encontram uma festa cujos participantes são transexuais e os temas tratados são inerentes a esta questão. Enquanto Toby sente-se à vontade, Bree procura mostrar-se constrangida.

À noite, na estrada, quando Bree desce do carro para urinar à beira da estrada, Toby vê pelo retrovisor que ela possui um pênis. Ele reage com uma evidente consternação e passa a agir com hostilidade para com Bree. Em seguida, eles oferecem carona a um andarilho que acaba roubando o carro com todos os pertences deles. Conseguem chegar de carona a um restaurante, no qual Toby, para

obter algum dinheiro, finge que vende a droga que portava, mas na verdade volta a se prostituir, escondido de Bree. Enquanto isso, um homem da região oferece ajuda a Bree e parece apaixonar-se por ela. De carona, chegam à casa dos pais dela, onde Bree se depara com a rejeição materna à sua nova identidade sexual. Em seguida, revela à família que o garoto que a aguarda no jardim da casa é seu filho, prontamente acolhido pelos pais e irmã de Bree. Mais tarde, todos saem para jantar e durante a noite evidenciam-se os conflitos entre os personagens, em especial no que se refere à definição da sexualidade de Bree. É nesta ocasião que se revela o fato de que a personagem já tentou suicídio e que, na adolescência, era investigada por detetives contratados pela mãe. Mais tarde, na casa dos pais, Bree subtrai pílulas de hormônios de sua mãe.

Ainda na residência parental, há um momento em que Toby entra no quarto de Bree e tira a própria roupa em busca de contato sexual. Entretanto, acuada pelas circunstâncias, ela acaba exibindo ao filho uma foto já conhecida dele, na qual aparecem a mãe e o pai de Toby. Bree identifica-se como sendo o pai na fotografia, recebendo a revolta do filho diante da revelação. Toby desfere um soco em Bree e no dia seguinte a família descobre que ele fugiu levando consigo um objeto de arte da casa. Bree pede ajuda para a polícia para encontrar o filho e identifica-se como seu pai.

Passado certo tempo, chega o momento da cirurgia, que é realizada com êxito clínico, mas ocorre que Bree, no pós-operatório, não se mostra satisfeita, chegando a dizer para a psicóloga, aos prantos, que estragou tudo.

Algum tempo depois, Bree aparece satisfeita com sua nova rotina, pois retornou ao trabalho e com ele mantém sua casa, de aspecto simples. Toby aparece em sua casa e então eles conversam sobre a cirurgia dela e o trabalho de Toby como ator de filme pornográfico gay. O desfecho do filme revela a aceitação recíproca de afinidades e diferenças entre Bree e Toby, cada qual com sua peculiar assunção de sexualidade.

5.1 Bree, a protagonista

*Sentimental, sentimental
Um coração saliente
Bate e bate muito mais que sente
Fica doente
Mas é natural, natural
Que num cochilo de agosto
Surja um outro alguém do sexo oposto
Do sexo oposto, outro alguém*

(Sentimental. Chico Buarque/1985
Para o filme Ópera do malandro, de Ruy Guerra)

Sabrina Osbourne, ou Bree, como prefere ser chamada, é a protagonista de uma história fictícia construída a partir de vivências reais. Uma mulher transexual que luta pelo direito de passar pela cirurgia de transgenitalização, encontra o filho adolescente cuja

existência ela desconhecia e se depara com diversos elementos de sua vida passada que gostaria de esquecer.

Em busca de uma aparência feminina que seja condizente com sua personalidade, Bree acumula diversos procedimentos médicos como tratamento hormonal, eletrólise, cirurgias no rosto, lift da sobrancelha, redução da testa, remodelagem da mandíbula e raspagem da traquéia. Além disso, ela treina sua voz para que fique mais suave e capricha na aparência composta de roupas cor-de-rosa, cintas modeladoras, enchimentos, esmaltes, sapatos, maquiagem e outros acessórios que, juntos, chegam a ser um exagero, embora ela procure sempre ser discreta.

Bree é uma mulher solitária, trabalha com vendas por telefone e é funcionária de um restaurante; mantém uma vida modesta embora acumule conhecimentos acadêmicos de cursos universitários que não terminou. No final, já realizada a cirurgia, ela resolve finalizar seus estudos.

Durante o filme, ela passa por situações difíceis características de sua condição transexual. Uma delas é o momento em que chega ao reformatório para resgatar o filho; ela apresenta seu documento com foto e nome de Stanley (seu nome de batismo), e, embora o policial não tenha feito maiores questionamentos, foi um momento constrangedor para ela. Este é um problema comum para transexuais, já que o direito à mudança de nome é uma dificuldade imposta pelo sistema burocrático social.

Outra situação crítica aconteceu em uma lanchonete na estrada, quando uma menina pergunta se Bree é homem ou mulher, ela fica

profundamente magoada, pois entende que foi “reconhecida”. Liga para a psicóloga e afirma que não nasceu para “ser mãe”. Nesta situação, ela argumenta o tempo todo sobre as possibilidades de trabalho que o filho tem, quer que ele seja independente (para livrar-se do vínculo), mas, por outro lado, mantém os cuidados educacionais enquanto pede que ele coma vegetais, use garfo, entre outras coisas. Outra situação semelhante se deu quando, em um outro local da estrada, uma garçonete entrega o café e diz que é para a mãe dele (Tobby), e Bree responde para a moça dizendo que não é mãe dele.

Há dois momentos distintos em que Tobby se insinua sexualmente para Bree: um quando ainda acreditava que ela era de uma igreja, e outra vez, depois de saber que Bree é uma transexual. O garoto não entendia por que fora tirado do reformatório por uma estranha que passou a cuidar dele, nem tampouco podia imaginar que era ela a pessoa com quem falara ao telefone quando procurou pelo pai.

Esta situação desencadeou outras, como o momento em que Tobby viu, pelo retrovisor, o pênis de Bree enquanto esta desceu do carro para urinar. Depois deste fato, a relação deles muda. Ele a humilha em uma tenda na estrada contando seu segredo a um desconhecido, depois a chama de travesti religioso, e ela argumenta que pode pertencer a uma igreja apesar de ter um “corpo inacabado”. Esta fala revela um discurso comum também entre transexuais, que é a idéia do corpo inacabado ou errado, conforme já dito.

Sobre a relação dos dois, há ainda um momento emocionalmente forte que acontece em uma festa na casa onde eles

se hospedam no caminho, por indicação da psicóloga de Bree. É onde mora uma mulher transexual que naquele momento recebia amigos/as transexuais, e este era o tema que os unia. Bree ficou visivelmente constrangida e tentou sair de lá, mas como Toby gostou do local, eles ficaram e depois ela procurou mostrar-se envergonhada por aquelas pessoas, disse que eram “coitadas”, definiu-as como mulheres sintéticas. O garoto não teve a mesma impressão, e foi nesta ocasião que ele pegou o hobby de Bree e olhou-se no espelho com a peça junto ao corpo, ficando ali uma insinuação relacionada à sua feminilidade.

A família da personagem a rejeita por não ser mais a imagem do filho homem que julgam ter tido, e é esta a razão pela qual Bree resiste o quanto pode antes de entrar em contato quando precisa da ajuda deles. É na aproximação de Bree e Toby com sua família que surgem questões sobre seu passado, como o fato de ela já ter tentado suicídio e ser uma pessoa bastante instável. Além disso, fica evidente que existe uma questão forte em relação à sexualidade, que é razão de diversos problemas de relacionamento entre eles. Embora procurem a aparência de uma família feliz perante os outros, a realidade é que mal se suportam e não existe diálogo que não se relacione a questões mal resolvidas do passado.

6. Discussão

Apesar das unhas pintadas, das roupas cor-de-rosa, da maquiagem cuidadosa e os modos delicados, Bree é uma mulher que usa boa parte de seu tempo realçando sua feminilidade e escondendo qualquer traço que possa denunciar a masculinidade ainda presente em seu corpo. Ela não tem dúvidas de que é, essencialmente, uma mulher, porém, sabe que seu corpo comunica outra coisa, já que nasceu “menino” e assim foi criada até ter condições de ver que havia algo diferente consigo própria. Em relação à família, ela enfrenta grandes problemas e não consegue ser aceita como mulher nem pela mãe, afinal, como explicar que seu desejo é usar as cores, as roupas, acessórios e demais signos que pertencem ao gênero que todos supõem ser oposto ao seu?

Já adulta, ela luta para ter o direito de mudar seu sexo genital a fim de oficializar o que para ela é real: é uma mulher, e quer ser assim reconhecida pela sociedade que não tem – ela sabe disso – condições de conviver com essa diferença.

O caso da protagonista do filme retrata o drama clássico vivido por transexuais atualmente. São pessoas nascidas com caracteres sexuais que evocam expectativas da rede social à qual fazem parte em relação ao gênero correspondente, mas, conforme crescem, vão descobrindo que o corpo não condiz com o gênero com o qual se sentem identificadas. Essa discrepância é fonte de sofrimento, invariavelmente, já que envolve o problema da identidade, da auto-aceitação, do enfrentamento da sociedade e seus preconceitos. Conforme colocado a partir de Bento (2008), a transexualidade é uma experiência identitária que responde a um sistema social que produz

indivíduos normais e anormais e localiza a verdade da identidade e do gênero nas estruturas do corpo. Os efeitos deste processo geram a noção do senso comum acerca da transexualidade, que é naturalizada pela sociedade e introjetada inclusive pelos indivíduos transexuais.

Visando uma análise acerca deste fenômeno a partir da experiência de Bree – um caso fictício que aborda questões importantes do tema - será feita aqui uma discussão relacionando aspectos teóricos já apresentados anteriormente, com objetivo de refletir acerca da realidade vivida por transexuais a partir de relações estabelecidas com estes aspectos.

Com relação à construção da noção de transexualidade que existe hoje em dia, conforme visto em Bento (2008), houve um momento na história – século XX - em que a transexualidade foi oficialmente patologizada, pois passou a ser “tratada” pela medicina e outras ciências “psi”. Foram então criados procedimentos padronizados visando à categorização e diagnóstico dos transexuais “de verdade”, de forma que a condição transexual passou a ser vista como doença mental.

Pensando no caso de Bree, no filme, em uma das primeiras cenas, o médico faz uma entrevista e questiona a transexual acerca do histórico de transtornos mentais em sua família, ou mesmo da ocorrência de delírios e outros sintomas de tais transtornos que pudessem ocorrer com ela. Ao perceber que ela tentava fornecer as respostas que considerava mais ideais para a entrevista, ele a alertou dizendo que não havia respostas prontas e, portanto, ela

deveria ser sincera, já que “disforia sexual é considerada uma doença mental grave”.

A grande dificuldade que existe para definir e articular de forma mais adequada o que vem a ser a transexualidade aparece, portanto, nas próprias classificações médicas como o DSM-IV, onde o item “Transtornos Sexuais” tem como subparte o item “Transtornos de Identidade de Gênero”, evidenciando um alto grau de indiferenciação entre os significados de “sexualidade” e “gênero”. Consta no DSM IV como critério diagnóstico, por exemplo, que o sujeito mostra desejo de ser ou insiste que é do sexo oposto, caracterizando o olhar científico que considera como real o sexo genital, e a percepção do indivíduo acerca de si próprio como inadequada ou incorreta.

É desta forma que a ciência enxerga e lida com a transexualidade atualmente, evidenciando a necessidade de patologizar e classificar indivíduos em normais / anormais. Esta visão legitima o modelo estereotipado da normalidade que acaba sendo naturalizado e reativado nas relações sociais de forma geral. Isso justifica o fato de que, de acordo com o levantamento bibliográfico, a busca pelas cirurgias de transgenitalização é em geral motivada não pela sexualidade, mas pela garantia de inteligibilidade social, de uma correspondência direta entre o corpo e o gênero que proporcionaria uma imagem mais humana e aceitável socialmente.

Outra questão que se evidencia quando se fala em estereótipos, neste caso, é o fato de que os elementos simbólicos que identificam o que é feminino e o que é masculino são pautados pelo modelo da heterossexualidade. Os estudos e pesquisas científicas também ratificam isto, uma vez que, em geral, as referências a gênero se

restringem à dicotomia homem-mulher. De acordo com Bento (2003), os modelos compartilhados socialmente acerca do que um indivíduo precisa ser para que os outros o considerem homem ou mulher são transferidos automaticamente para os/as transexuais. Isto significa que a tendência é de que uma mulher transexual busque relações amorosas heterossexuais, embora haja exceções. Bree reflete esta situação, já que flerta com um homem que vem a se interessar por ela como mulher, o que caracterizaria uma relação heterossexual. Apesar disso, na ocasião da festa que ocorre na casa de uma transexual indicada pela psicóloga de Bree, aparecem diversos casos que fogem a esta regra, como o do casal de mulheres transexuais homossexuais; elas contam ali que se amam e que fizeram a cirurgia juntas.

Além disso, cabe comentar que a vestimenta e acessórios, o gosto de Bree de maneira geral, caracterizam uma figura feminina porque ela lança mão – até excessivamente – de elementos que são associados ao feminino. Isso demonstra a necessidade de adaptar-se ao modelo de mulher que conhece e que faz sentido no contexto cultural do qual ela faz parte. Estes são signos de manifestação da feminilidade, as bases que fundamentam a construção da identidade das mulheres transexuais por meio da assimilação e incorporação do gênero feminino. Como já dito, as relações heterossexuais servem a este modelo heteronormativo, e, da mesma forma, a maternagem é um fator que confirma o gênero feminino e os papéis sexuais. Segundo Zambrano (2006), o “instinto materno” é incorporado socialmente e proporciona a aptidão à função materna, além de confirmar a idéia de que se trata de uma mulher, em termos psíquicos. O caso da personagem do filme permite dialogar com esta questão, já que, em alguns momentos, outras pessoas se referem a ela como sendo mãe de Toby. Em todas as ocasiões ela nega

verbalmente, mas sua atitude em relação ao filho é sempre de cuidado e educação, funções eminentemente atribuídas às mulheres ainda hoje. Há uma cena em que ela fala ao telefone com sua psicóloga e, frente às dificuldades enfrentadas em relação ao garoto, afirma que não nasceu para ser mãe. Apenas no final do filme, após diversas situações terem ocorrido entre eles, Bree apresenta-se como pai do garoto, o que já remete ao processo de ressignificação do vínculo que tem com ele em relação à sua identidade já integrada.

Da mesma forma, além dos signos de feminilidade, ocorre que a ligação direta entre o sexo genital e o gênero é incorporada também por transexuais no processo de construção da identidade. De acordo com Silveira (2006), há um desacordo entre quem a pessoa é, quem sente ser e o que sua aparência diz que é. O sexo genital é negado pela mulher transexual e não é tido como fonte de prazer, o que se mostra claramente no caso de Bree, que aparece escondendo na roupa seus genitais antes da cirurgia, e afirma ao médico, logo no início, que sente nojo de seu pênis.

O caso da protagonista do filme e seu conflito com o corpo apontam para a ligação conceitual direta que costuma ser estabelecida entre o sexo e o gênero, já que se faz necessário corrigir o corpo para que haja harmonia na identidade e maior adaptação aos “padrões de normalidade”.

Além disso, existe a noção de essência que também aparece no filme: Bree sente-se mulher, sua essência sempre foi esta - a despeito de seu corpo que ainda precisa ser modificado - e o “gênero feminino” seria, portanto, inato, em sua percepção. Isto justifica, por

exemplo, uma cena em que ela afirma para sua mãe que esta, na verdade, nunca teve um filho.

Retomando a linha de raciocínio que permeia a psicologia analítica, a dinâmica psíquica humana funciona, de maneira geral, por meio de relações de complementaridade; isto se observa em diversos mecanismos e fenômenos com funções e naturezas diferentes. Esta tendência existe na direção de buscar o equilíbrio entre possibilidades opostas, e é também observada quando se trata do âmbito físico e biológico do ser humano.

No que concerne à questão da personalidade, as instâncias complementares - *persona* e *sombra* – fazem jus a este modelo de funcionamento, já que são opostas e complementares. Conforme colocado, a *sombra* é o aspecto do ego que não é por ele controlado e contém elementos não integrados à consciência por serem incompatíveis com o funcionamento egóico e da sociedade. A *persona* é outra subpersonalidade do ego constituída por meio da identificação com elementos externos; adaptada à cultura e à educação.

Considerando que a *persona* é formada por valores e modelos aceitos e reforçados socialmente, e que estes elementos fazem sentido na cultura em que existem e em determinada época histórica, é possível observar algum nível de uniformidade acerca do que se espera dos indivíduos conforme o sexo, a idade, grupo social e qualquer outra subclassificação que possa ser considerada. São modelos convencionados e absorvidos pela coletividade, reproduzidos pelos indivíduos, embora passíveis de modificações conforme a sociedade se transforma.

A *persona* é resultado da educação e adaptação, serve para os contatos mais superficiais e cotidianos; nas relações humanas serve para evitar constrangimentos. Bree mostra educação e modos que são características reconhecidas e valorizadas socialmente. Ela busca ser reconhecida como mulher, mas não qualquer mulher: ela é possuidora de diversas qualidades desejáveis; sua *persona* é repleta de modos, cultura diversificada, educação e refinamento. Ela procura se mostrar agradável e delicada, fala baixo e sorri. Um exemplo disso é a cena da entrevista com o médico, na qual Bree mostra esses aspectos e procura dizer o que considera ser mais conveniente naquele contato, considerando seu objetivo de ser avaliada por ele como alguém “normal” e que merece adaptar seu corpo ao modelo feminino.

No decorrer do filme, há momentos em que ela absorve do ambiente características que deseja ter, como quando observa a moça que trabalha com ela na lanchonete e a imita, haja visto que acabara de observar o olhar desejoso dos homens frente a esta moça. Este é um exemplo de uma situação em que ocorreu identificação; é este o processo por meio do qual o ego absorve elementos do meio e se une a objetos externos. O ego se identifica com a *persona*, e é esta sua identidade social, sua ponte para relacionar-se com outros. Bree absorve de seu meio aspectos que deseja ter em sua *persona* e estes simbolizam a feminilidade que é primordial para a identidade que ela almeja. É por isso que usa unhas cuidadosamente pintadas, cabelos compridos e bem tratados, roupas elegantes e cor-de-rosa, treina sua voz para que pareça mais aguda e suave, faz tratamentos hormonais para ter seios volumosos e formas femininas, e usa maquiagem constantemente; estes são elementos que simbolizam aspectos de feminilidade segundo

convenções culturais com as quais convivemos e parecem ser naturais por terem já sido internalizadas.

De fato, Bree é bastante contida e ponderada, transborda educação, domínio dos seus impulsos e bons modos. É isto que ocorre com as pessoas em geral, uma vez que a imagem precisa estar adaptada ao que é valorizado socialmente. Por outro lado, a sombra manipula o meio ambiente para que certas intenções e necessidades sejam realizadas de maneira socialmente aceitável.

Conforme dito no texto, os aspectos da *sombra* de alguém são mais acessíveis por meio da descrição feita por outra pessoa que convive com o indivíduo do que pela percepção deste sobre si próprio. A família de Bree é capaz de apontar enfaticamente seus aspectos masculinos que foram destinados à *sombra*, já que é razão de vergonha, algo incompatível com o que ela reconhece como sendo sua identidade.

Isto é perceptível em diversos momentos em que seus pais a chamam de Stanley ou mostram-se indignados com sua transformação. A mãe de Bree nega sua feminilidade de tal forma que chega a tocar seu corpo para procurar o principal traço corporal masculino do filho que julga ter tido. Toby é aceito com muita hospitalidade pela família de Bree; ele é o fruto da masculinidade e potencial paterno da personagem, o elemento que eterniza o Stanley que ela se esforça para esquecer e esconder de si mesma e dos outros. Bree fala de Stanley na terceira pessoa, colocando esta identidade como algo independente e externo a ela, e, da mesma forma, afirma que sua família já morreu, tanto para o médico que a

entrevista no início do filme, quanto para o próprio Toby, mostrando claramente seu desejo de se separar do seu passado.

Outra questão importante colocada no texto é o fato de que o corpo não pode ser destinado à *sombra*. Portanto, o pênis e demais caracteres corporais masculinizantes condenam a mulher transexual a enfrentar, fisicamente, o que deveria existir apenas como elemento inconsciente complementar. A cirurgia pode significar justamente esta possibilidade de desvencilhar-se daquilo que não reconhece como seu, de ver no corpo os sinais da identidade com a qual se identifica. Esta é a intenção de Bree, a questão em torno da qual o filme gira, uma vez que a única coisa que a fez viajar em busca de Toby foi a condição de aceitá-lo em sua vida para ter a autorização de realizar a cirurgia de transgenitalização. A psicóloga que a acompanhava enfatizou que o filho era uma parte de sua vida que não poderia ser descartada, e, antes que ela entendesse e resolvesse a situação, não poderia ser operada.

Olhando para os processos psíquicos decorrentes da relação do ego com os elementos da *sombra* e o mundo à sua volta, há que se considerar o processo de projeção. O indivíduo projetará em outrem o que não integrou de sua *sombra*, embora não perceba este processo; é desta forma que o ego se foca unicamente no dado de realidade que desencadeou a percepção e ignora a existência da projeção ali contida, assumindo uma postura de observação e crítica da situação. Bree vê em seu filho características condenáveis segundo seus princípios, que vão desde a má educação e falta de modos até a exacerbação da sexualidade, já que ele inclusive é garoto de programa; ou seja, ele usa e trabalha com seus caracteres sexuais masculinos, enquanto Bree tem uma vida sexual nula e necessita esconder seus elementos masculinizantes.

Por outro lado, existe uma cena em que fica insinuada a tendência à feminilidade de Toby, quando ele experimenta o robe de Bree em frente ao espelho. De fato, ele tem estas características e este modo de vida, mas isso tudo representa aspectos opostos à *persona* de Bree - educada, contida, culta, discreta. Até mesmo sua existência, como já colocado, significa o aspecto masculino e paterno que Bree nega, ou seja, ele representa diversos elementos de sua *sombra* que causam profundo incômodo e desconforto.

Pensando na questão da formação da *sombra* no desenvolvimento de Bree, poder-se-ia imaginar que seu ego rejeitou a masculinidade e a destinou à *sombra*. Por outro lado, identificou-se com o gênero feminino, absorveu estas características para si. O gênero é constituído socialmente, embora exista a sensação de que seja inato. Isto ocorre também com os transexuais, uma vez que sentem que sua natureza é do gênero oposto ao sexo que têm. A *persona*, portanto, é constituída por identificações com o gênero correspondente ao sexo oposto ao que possuem.

Como foi colocado, o ser humano dispõe de um conjunto de subpersonalidades diferentes entre si, e, em cada situação, tende a mostrar aquele aspecto que é mais conveniente. Pode-se exemplificar isto comparando a atitude e postura de Bree frente a seus pais – momento em que se impõe, briga, afirma suas convicções e se defende – e seu comportamento frente à psicóloga ou mesmo com o médico – nestas circunstâncias Bree é amena, suave, procura demonstrar sua sobriedade e auto-controle para parecer “normal”. Como se pode perceber, esta flexibilidade é uma característica necessária, é uma ferramenta proporcionada pela *persona*, produto da organização social à qual pertencemos, e sem isto o indivíduo seria colocado à margem da cultura.

Partindo do fato de que a *persona* é fruto do meio e precisa ser flexível e adaptada o suficiente para que o indivíduo seja aceito socialmente, pode-se olhar para os fatores que são materiais para sua formação; desde os modelos acerca do tipo de pessoa que se deseja ser, os comportamentos e crenças adotados, até as aspirações e objetivos provenientes da identificação com papéis e funções sociais. É possível discernir caracteres de Bree que correspondem às expectativas do meio ao qual pertence, tais como o seu nível de cultura e educação. Por outro lado, quanto às aspirações dela acerca de um papel social, em primeiro lugar vem a questão de ser mulher – para si e para os outros – e só depois disso outras coisas. Há uma cena em que Bree fala com Toby no carro sobre suas aspirações pouco ambiciosas; notam-se suas próprias noções do valor social que é atribuído a certas profissões e não a outras. A identificação acontece com papéis sociais tidos como superiores cultural e economicamente; algumas funções são mais valorizadas do que outras, e o indivíduo tende a se identificar com papéis das classes mais altas. É por isso que, naquele diálogo, Bree afirma que se ele gosta de animais deveria ser zoólogo ou veterinário, e não um simples dono de *pet shop*, como o garoto acabara de dizer. Pensando na trajetória dele próprio na trama do filme, é possível notar o mesmo processo, já que ele, como garoto de programa, identifica-se e quer ser tornar um ator de filme pornô – que tem mais valor e status em seu meio de atuação do que a função que ele exerce até então.

Assim como estes, outros pontos podem ser identificados para exemplificar os processos relacionados à dinâmica *persona / sombra*, que refletem a maneira pela qual o indivíduo lida com seu meio exterior em seus infinitos desdobramentos. Sob outro ponto de vista da teoria, pode-se também encontrar elementos da atitude ou

tendências do indivíduo em relação ao seu mundo interior, que caracterizam o que se chama de *anima* ou *animus*.

Um bom exemplo disso seria observar, no decorrer do filme, a maneira como Bree cobra de si mesma e procura atingir os padrões mais altos de suas aspirações; tanto no âmbito físico, ao buscar uma aparência indiscutivelmente feminina, quanto no aspecto intelectual, já que no decorrer do filme ela demonstra seus conhecimentos amplos, que abrangem a questão da transexualidade, mas não se limitam a ela. A aparência e comportamento de Bree demonstram uma postura rígida e perfeccionista em relação a ela mesma, o que poderia ser um indício de uma atitude inversa – ou seja, mais amena - em relação ao mundo.

Esta interpretação seria adequada de acordo com as fontes pesquisadas, já que todas as pessoas têm traços de feminilidade e masculinidade; assim, os caracteres de gênero que estão na *persona* se opõem ao que há em sua personalidade mais íntima. É por isso que, no caso de Bree, é possível observar seus traços mais femininos no modo de ser com os outros, com base no fato de que ela se mostra delicada, passiva e sentimental. Neste sentido, o que está oculto em sua personalidade são os aspectos masculinos de agressividade, lógica e contundência que explicariam sua tendência rígida e cobradora. Sob a ótica de Jung, seu *animus* – ou seu espírito – funciona de forma complementar à *persona*, seu caráter externo.

Na teoria, fala-se em características da/o *anima/us* presentes em homens e mulheres. É coerente, neste contexto de discussão, considerar estas denominações como referências ao gênero com o

qual o indivíduo se identifica e não segundo as concepções do senso comum acerca das diferenças sexuais.

Considerando os pontos trazidos da teoria, o ego feminino constitui-se de forma mais indefinida e irracional em relação ao ego masculino porque existe uma ligação mais forte com as raízes inconscientes. O ideal, portanto, é que a mulher faça contato e enfrente seu *animus* para que este seja seu elo com o *Self*, só assim ela poderá integrar aspectos de masculinidade necessários, como agressividade e raciocínio. Caso contrário, o ego perde parte de suas potencialidades e a mulher tenderá a assumir uma postura extremada, seja de forma agressiva, seja de maneira fraca ou mesmo ambas, alternadamente.

Com base nisto, é cabível a questão: como se dá o desenvolvimento psíquico em relação aos arquétipos *anima/us* no caso de uma mulher transexual como Bree? Por um lado, nota-se que sua *persona* tem características que remetem à passividade e à amabilidade, como já colocado, principalmente no que concerne às suas relações com as outras pessoas e o mundo em geral. A atitude e figura da personagem remetem a um estereótipo de mulher “correta” em todos os sentidos, embora seu corpo seja “inacabado”, como ela diz em uma das cenas. Por outro lado, o nível intelectual e cultural demonstra que ela não deixou de ter o seu desenvolvimento guiado por um modelo de *animus* que favorece estes aspectos. Portanto, sob este prisma, sua constituição psíquica ocorreu como a de uma mulher comum.

A construção da identidade feminina, tanto no caso de Bree quanto no de qualquer outra mulher, ocorre por meio de processos

psíquicos diversos, dos quais um dos principais é o da simbolização. É desta forma que se expressam experiências humanas ligadas a diversos fatores, tais como culturais, biológicos, ambientais e psicológicos. Cabe acrescentar aqui a colocação de Penna (2003) de que o símbolo sintetiza, une e conecta conteúdos conscientes e inconscientes, de modo que constitui o produto da tensão entre esses opostos e a ligação entre o conhecido e o desconhecido. Embora a interpretação e análise do filme tenha sido feita, no geral, no contexto de uma leitura simbólica, pode-se explorar alguns pontos do processo vivido pela personagem em termos simbólicos, buscando ampliar o significado destes elementos para além de sua vivência individual, até porque os símbolos trazem para a consciência elementos do inconsciente pessoal e do coletivo.

A vivência de Bree e a problemática relacionada à necessidade de adaptação do corpo ao padrão de feminilidade - que cabe ao corpo de mulher - traz à tona a questão do corpo como símbolo da identidade do indivíduo perante si mesmo e perante a sociedade. Se o corpo não for condizente com o gênero, ele precisa ser corrigido. Além disso, a personagem mostra o tempo todo uma relação importante que mantém com os hormônios; pode-se entender que estes são elementos capazes de modificar biologicamente a constituição corporal na direção desejada, e quando essa transformação passa a ocupar um lugar central na vida de Bree, ela passa a depender até emocionalmente dos efeitos desses hormônios, tanto que chega a ver - ou imaginar - diferenças no volume dos seios depois de ter perdido suas cápsulas quando o carro foi roubado.

O corpo é, em nossa cultura, o elemento central no que concerne à imagem pessoal. Os documentos oficiais precisam de fotografias que identifiquem seus donos, as pessoas nos reconhecem

segundo a imagem que temos por meio de nossos corpos, e é a consciência disso que torna imprescindível a mudança para um “corpo de mulher”, caso contrário a discrepância entre a imagem e o gênero sempre sobressairá em relação à identidade do indivíduo. O corpo é um instrumento de contato do indivíduo para com ele mesmo e para com os outros, e este fato permeia a questão dos problemas de Bree no que se refere a relacionar-se com seu próprio corpo e com outras pessoas. Pensando que as referências acerca de si próprio, o que cada um conhece de si, vêm, em grande parte, do que o meio externo informa e reflete, é natural que alguém cujo gênero não seja perceptível por meio da imagem que seu corpo oferece venha a desenvolver questões importantes relacionadas à aceitação deste corpo, até porque a imagem corporal é constituída não apenas por dados objetivos fornecidos pelas sensações e percepções, mas principalmente por aspectos afetivos e cognitivos adquiridos durante a vida. Neste sentido, é válido lembrar que o corpo também é história, já que guarda memórias e manifesta vivências individuais e coletivas, representa a história evolutiva da espécie e remete a uma imagem arquetípica do que vem a ser o humano.

Considerando a questão do filho de Bree, pode-se ainda pensar na relação do corpo que, ao gerar um filho, é identificado pela relação de paternidade ou de maternidade, de acordo com a célula reprodutora que participou da fecundação. Um indivíduo que gera um filho com seu espermatozóide será, portanto, identificado como o pai, e a mãe será aquela que fornecerá o óvulo e propiciará a gestação dentro de seu útero. Conforme as pesquisas aqui citadas, as mulheres transexuais em geral não optam por ter um filho gerado com seus espermatozoides justamente para não serem identificadas pela paternidade. No caso do filme isto acontece, mas a personagem descobre ter um filho, assim gerado, só depois de dezessete anos, o

que provoca profundas mudanças na vida de ambos, já que este representa sua continuação como Stanley e não como Sabrina, e traz à tona aspectos da masculinidade que ela gostaria de apagar de sua história.

Conforme a trajetória dos personagens, considerando que Bree somente teria autorização para fazer a cirurgia se pudesse assumir sua relação e responsabilidades em relação ao filho, pode-se pensar que esse filho – visto como aspecto de sua masculinidade – precisava ser integrado à sua consciência e à sua vida. Com base na psicologia analítica, uma mulher precisa integrar seu *animus* e elaborar seus aspectos de masculinidade para que venha a desenvolver sua personalidade integralmente; precisa de uma aceitação que ocorre por meio de confronto na consciência, e de certa forma é isto que ocorre com Bree enquanto enfrenta diversas situações difíceis com o filho que não aceita, até que chega o momento em que ela se identifica como pai do garoto. Após a cirurgia, tão sonhada por ela, o filho está longe e parece que lhe falta algo, e é neste momento que ela chora compulsivamente e se culpa por ter feito tudo errado. Quando o filho volta a procurá-la, ambos estão em condições de conviver apesar das diferenças existentes entre eles, já que ocorreu uma aceitação verdadeira do que cada um tem condições de ser.

Pensando no surgimento e aceitação deste filho como símbolo, portanto, podemos entender que ele aparece no momento em que a personagem precisa aceitar sua masculinidade e sua história para desenvolver-se integralmente como mulher. O significado inconsciente deste filho tem a ver com essa vida negada e escondida, na qual Bree mergulha na direção de conhecer-se e assumir-se integralmente. É esta a mensagem de transformação simbólica

anunciada pelo surgimento do filho: a necessidade de assunção da própria vida e o enfrentamento de aspectos desconhecidos, já que este movimento, provocado pelo filho, vem compensar justamente esta atitude de negação existente até então. A transformação ocorre durante este processo e fica evidente depois, quando a personagem já assumiu sua masculinidade e pode assumir seu presente e passado.

Há ainda um aspecto curiosamente colocado no filme que pode ser lido simbolicamente, uma vez que faz sentido na situação de Bree. Em dois momentos diferentes – no acampamento e na estrada – ela sente os efeitos diuréticos dos hormônios e, antes de sair, questiona a existência de cobras na região, demonstrando sentir medo. Apesar de o medo de cobras ser algo inerente ao ser humano em função do instinto de auto-proteção, pode-se estabelecer uma relação de significado destas manifestações, uma vez que a cobra como símbolo tem significados diversos, inclusive o de transformação. A serpente também aparece, em alguns mitos, como o elemento masculino destrutivo do feminino, sendo, portanto um símbolo polivalente, ambíguo e universal (DURÃES, 2004) Neste caso, a fobia de cobras poderia ser lida no sentido de uma dissociação entre consciente e inconsciente no que diz respeito à transformação anunciada pela fase vivida pela personagem, enquanto integra elementos desconhecidos em sua personalidade. Somando-se a isso a significação da presença do filho e da vivência de integração já citada, o conjunto de situações e dificuldades por ela enfrentado tem o sentido de expressar a vivência profundamente transformadora da vida desta personagem, que, apesar de ter aspectos pessoais, traz provavelmente consigo elementos compartilhados por outras mulheres transexuais na vivência de suas feminilidades.

A transexualidade mostra que, de fato, o sexo genital não é o bastante para atribuir a um indivíduo características de masculinidade ou feminilidade. Possivelmente a relação entre o sexo e o gênero com o qual o próprio indivíduo se identifica não será harmônica, porém, ainda assim a lógica de complementaridade segue sendo verdadeira no que concerne à dinâmica entre a *persona* (fatores externos) e a *anima / us* (fatores internos).

Embora este trabalho possua limitações diversas, com esses dados é possível refletir e levantar outras várias questões acerca do fenômeno da transexualidade, de forma a reforçar aqui a necessidade de mais estudos e pesquisas na área. Uma das tantas questões possíveis é sobre a maneira como ocorre a identificação com a *anima* em uma mulher transexual; seria diferente do processo genericamente observado na constituição de uma mulher comum? E a formação da *persona*, de que maneira aconteceria, já que a/o transexual terá referências externas a ele de ambos os gêneros, mas se identificará com aquela oposta ao seu sexo? Além disso, haveria alguma questão específica relacionada ao processo de individuação, em qualquer uma de suas fases, na vivência transexual? Como se daria, por exemplo, a integração de aspectos não vividos e a ressignificação de diversos elementos na fase da *metanóia*?

O significado da transexualidade em nossa cultura tem diversos desdobramentos que vêm do momento histórico atual, já que é sabido que em outros momentos da história este fenômeno foi visto e interpretado de outras maneiras. O próprio fato de a sociedade em geral não compreender e confundir esta condição com outras completamente diferentes, mas que se referem de alguma forma à questão da formação e definição da sexualidade, já demonstra que a marginalização dos transexuais tem um sentido mais amplo em nossa

cultura. O aprofundamento na questão por meio de pesquisas pode ser uma forma de compreender a vivência individual dos transexuais e, assim, poder disponibilizar este conhecimento para outras esferas não-acadêmicas da sociedade, de forma a favorecer o processo de integração do sentido da transexualidade na consciência coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice Alves de Melo. Transexuais, corpos e próteses. **Labrys Estudos Feministas**, n.4, 2003. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/berenice1.htm>> Acesso em: set. 2009.

_____. Corpos e Próteses: dos limites discursivos do dimorfismo, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Berenice_Bento_16.pdf> Acesso em: 10 out. 2009.

_____. **O que é transexualidade**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith P. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. London, Routledge, 1993.

CARDOSO, Fernando Luiz. Inversões do papel de gênero: “drag queens”, travestismo e transexualismo. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300017&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 27 jan. 2010.

DE BARBIERI, Terezita. Sobre la categoría género: una introducción teórico-metodológica. **Seminários PRODIV / Fundação Carlos Chagas**. São Paulo, p. 25-45, 1991.

DURÃES, Beatriz Schiffer. Fale com ela, de Pedro Almodóvar. **Psico UTP Online – Revista Eletrônica de Psicologia**, Curitiba, n.4, jul. 2004. Disponível em: <<http://www.utp.br/psico.utp.online>> Acesso em: 3 mai. 2010.

EKINS, Richard & KING, Dave. Transgendering, men, and masculinities. In: KIMMEL, Michael S., HEARN, Jeff & CONNELL, Robert W. (eds.). **Handbook of Studies on Men and Masculinities**. Thousand Oaks / London / New Delhi, Sage Publications, 2005, p. 379-394.

FREITAS, Martha C. **Meu sexo real**. Petrópolis, Vozes, 1998.

GUBA, E. G. & LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (orgs.). **Handbook of Qualitative Research**. London, Sage Publication, p. 105-117, 1994.

IZQUIERDO, M. J. Uso y abuso del concepto de gênero. In: VILLANOVA, M. (org.). **Pensar las diferencias**. Barcelona, Universitárias, p. 31-53, 1994.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. 21ª ed., Petrópolis, Vozes, 2008.

JUNG, Emma. **Animus e anima**. São Paulo, Cultrix, 2006.

MACIEL JR, Plínio de A. **Tornar-se homem – o projeto masculino na perspectiva de gênero**. São Paulo, 2006. 192p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programas de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NEUMANN, E. **A Grande Mãe. Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. 9ª ed., São Paulo, Cultrix, 1999.

PENNA, Eloísa Marques Damasco. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung**. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programas de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SILVEIRA, Esalva Maria Carvalho. De tudo fica um pouco: a construção social da identidade do transexual. Porto Alegre, 2006, 302p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SPÍNOLA-CASTRO, Ângela Maria. A importância dos aspectos éticos e psicológicos na abordagem do intersexo. **Arquivo Brasileiro de Endocrinologia e Metabolismo**, vol. 49, n.1, p. 46-59, 2005.

STEIN, Murray. **Jung – O mapa da alma – Uma Introdução**. 5ª ed., São Paulo, Cultrix, 2006.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Diversidade sexual humana: notas para a discussão no âmbito da psicologia e dos direitos humanos. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n.2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200005&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 01 fev. 2010.

TRANSAMÉRICA. Dir. Duncan Tucker. Focus Filmes. Barueri, 2005. D-45.

WHITMONT, Edward C. **A Busca do Símbolo – conceitos básicos de Psicologia Analítica**. São Paulo, Cultrix, 1994.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, v. 12, n.26, dez. 2006.